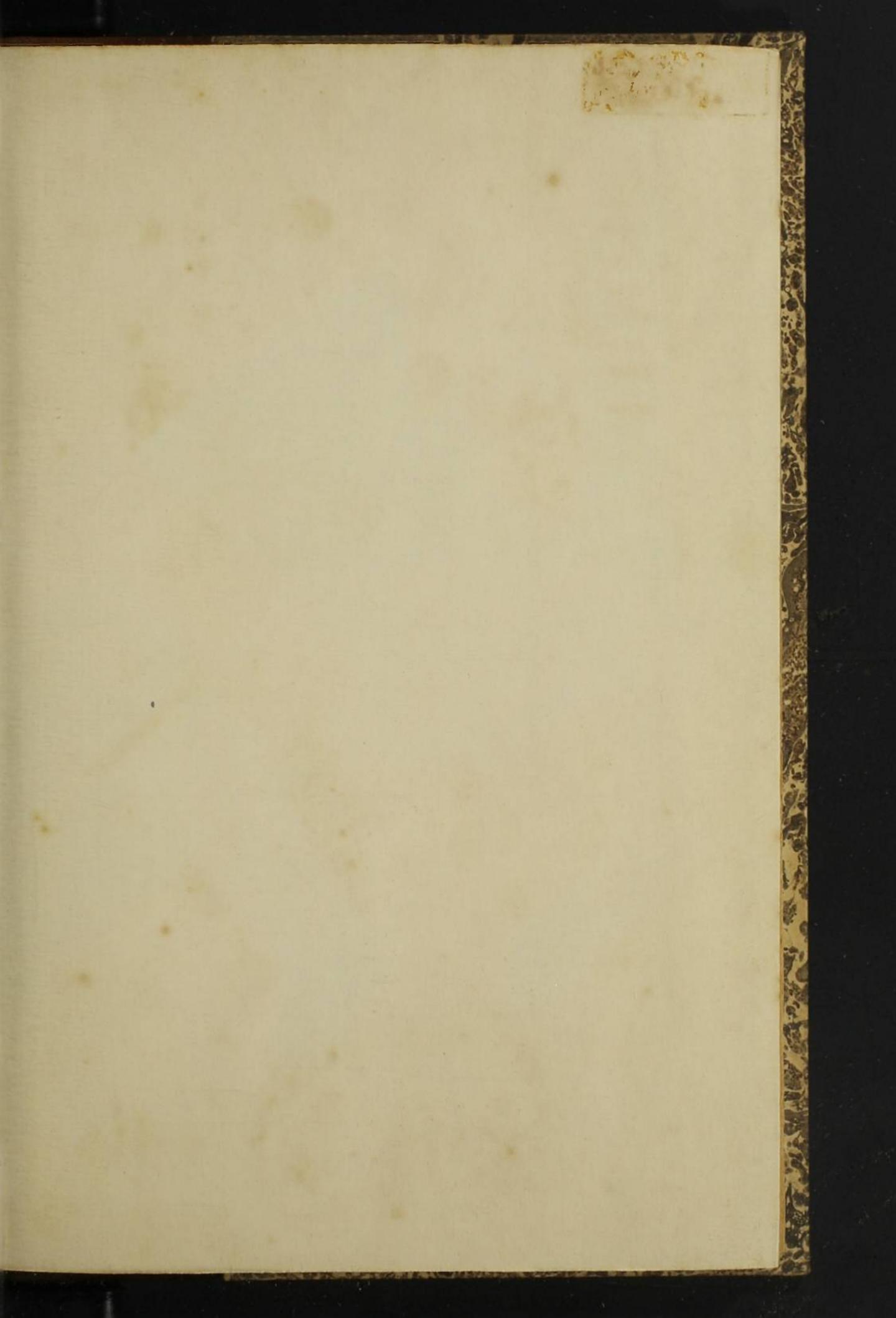
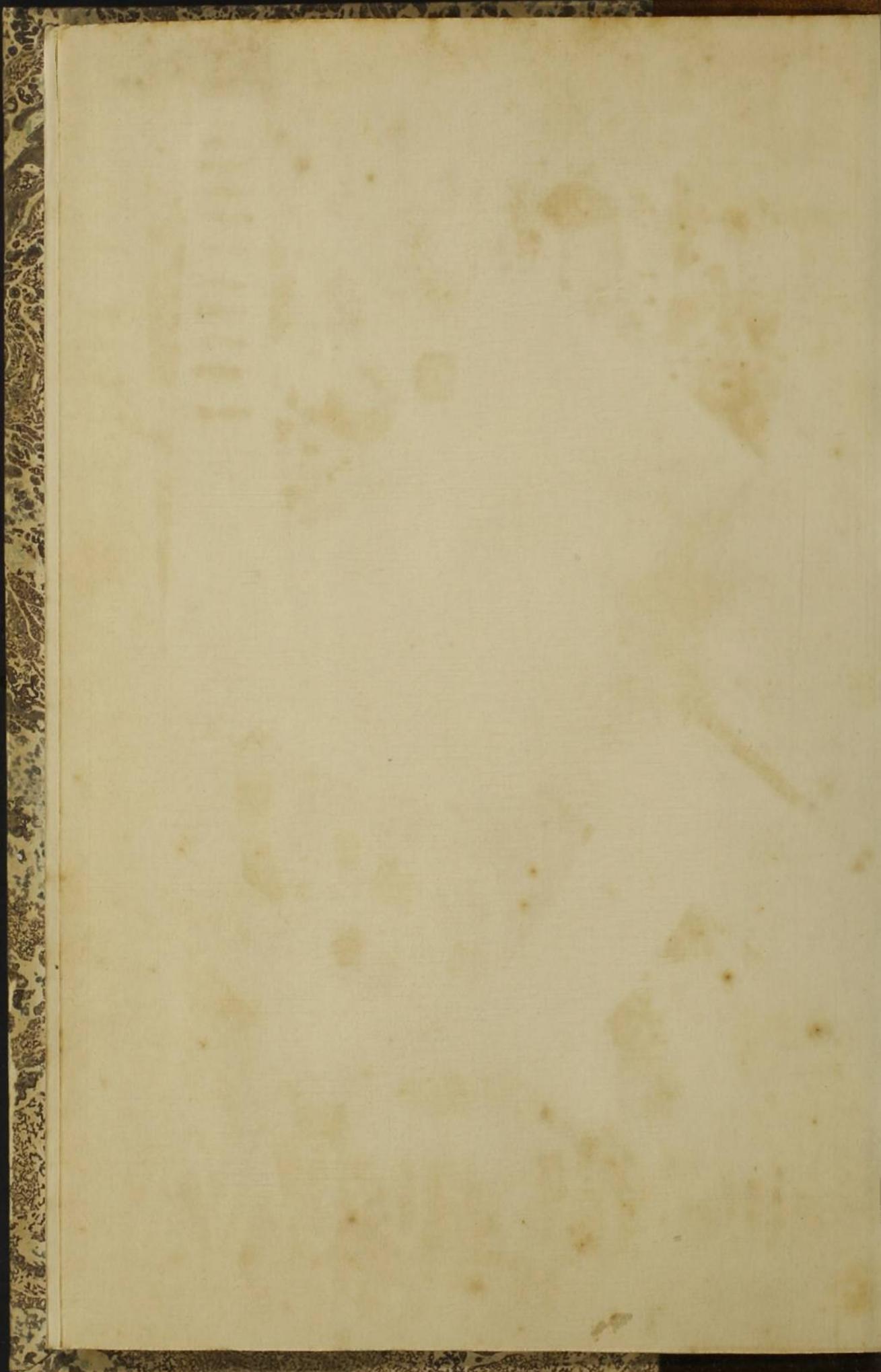




ENCADERNEACÉE
A. NARDI

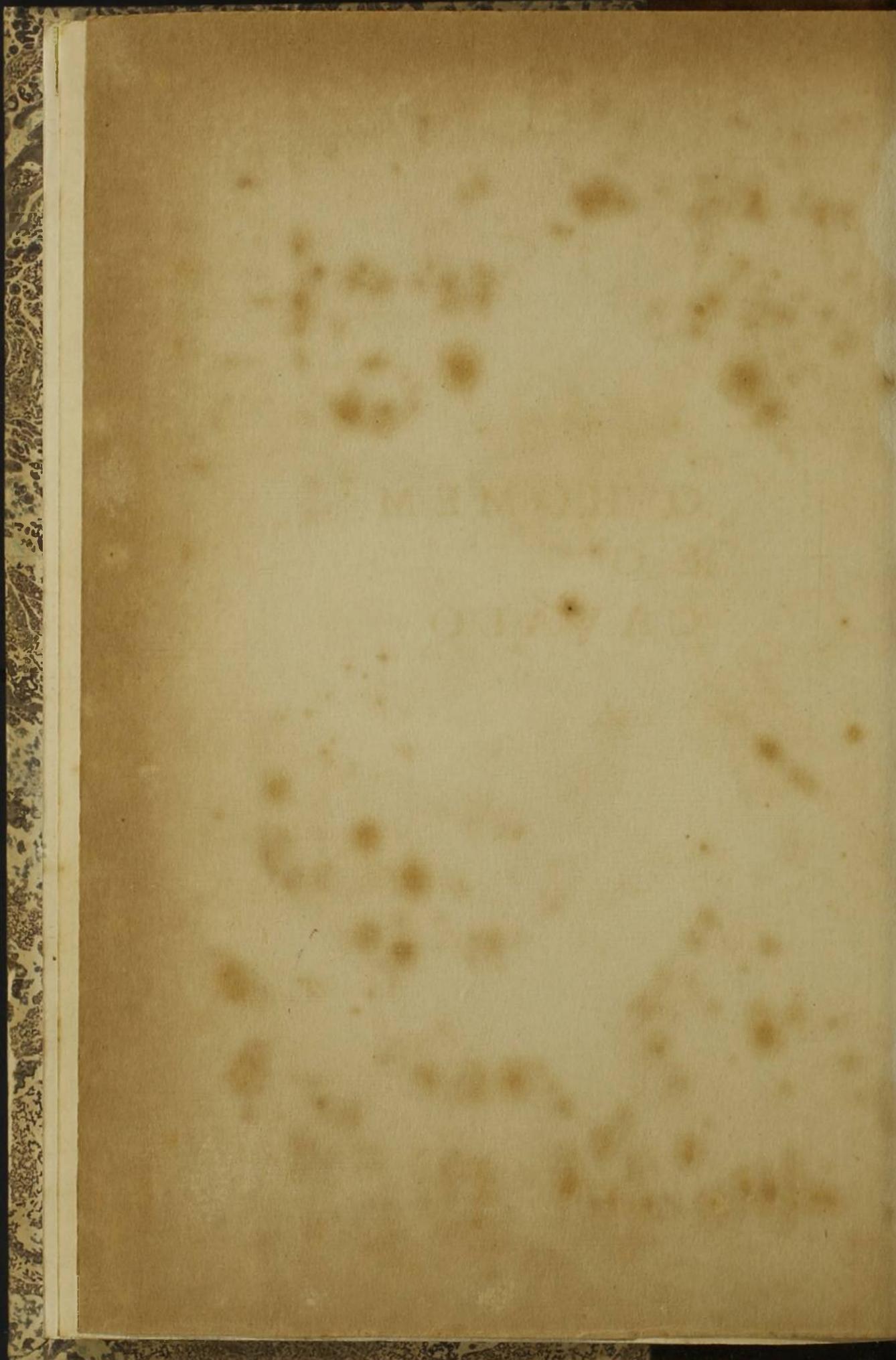




OSWALD
DE
ANDRADE

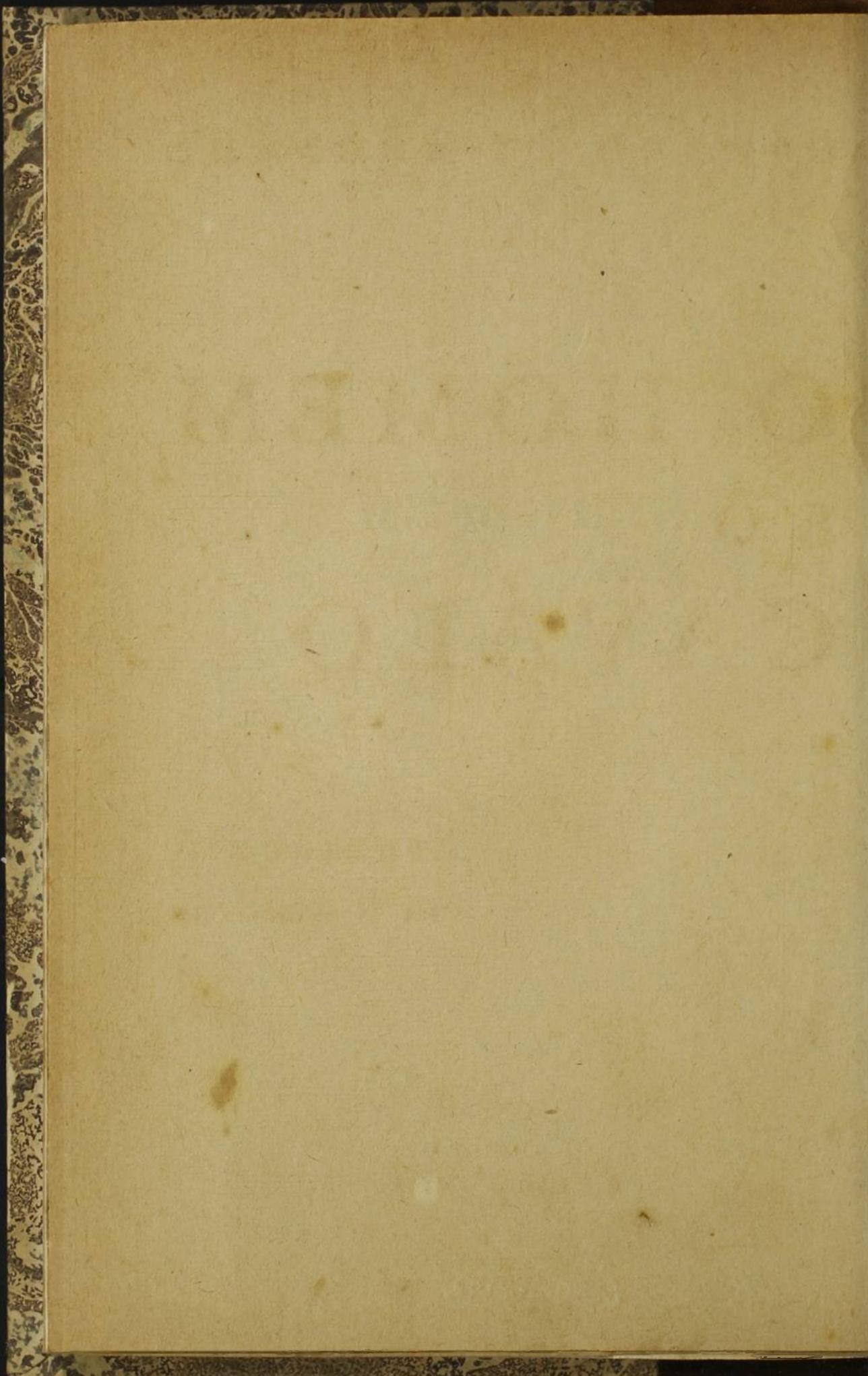


O-HOMEM-E-O-CAVALO
S. Paulo, 1134



O HOMEM
E O
CAVÁLO

Editorial

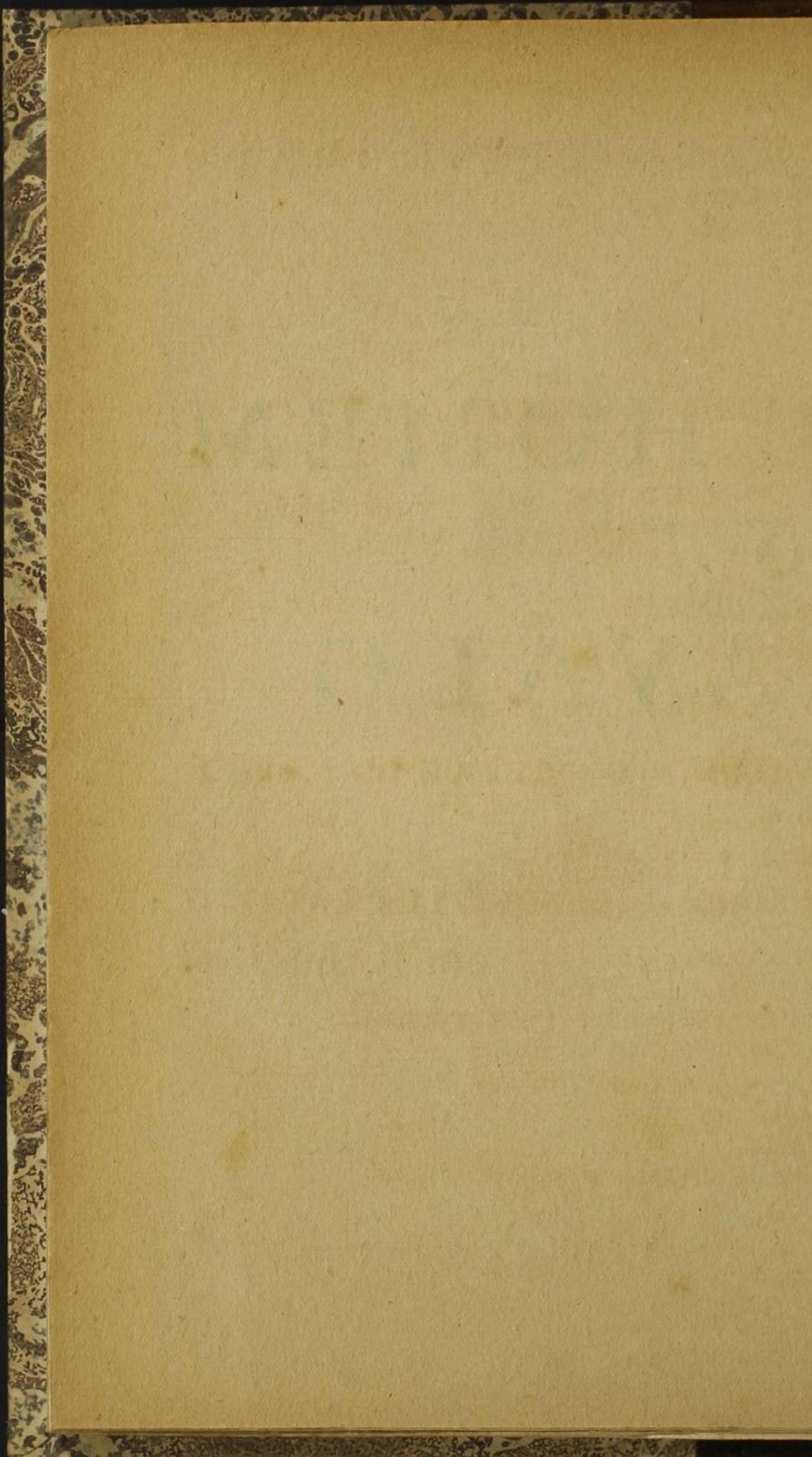


O SWALD DE ANDRADE

O HOMEM
E O
CAVÁLO

Espetáculo
em 9 quadros

S. PAULO - 1934



1.^o QUADRO — O CÉO

SÃO PEDRO
O PROFESSOR ICAR
O POETA SOLDADO
O DIVO
1.^a GARÇA
2.^a GARÇA
3.^a GARÇA
4.^a GARÇA
O CACHORINHO SWENDEMBORG

2.^o QUADRO — O INTERIOR DO ICARO I

OS MESMOS
ICAR DESENCARNADO

3.^o QUADRO — DEBOUT LES RATS

OS MESMOS
O CAVALO DE TROIA
O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO
O TRATADOR DE CAVALOS
O VENDEDOR DE JORNAES
A VOZ DE JOB
VOZES
UMA WALKIRIA MONTADA

4.º QUADRO — A BARCA DE SÃO PEDRO

OS MESMOS MENOS AS 4 GARÇAS, O POETA
SOLDADO, O DIVO, O TRATADOR, O VEN-
DEDOR DE JORNAES.

CLEÓPATRA

MISTER BYRON

LORD CAPONE

O TIGRE DO MAR NEGRO

O SOLDADO VERMELHO DE JOHN REED

MARINHEIROS, SOLDADOS, Povo

5.º QUADRO — S. O. S.

OS MESMOS MENOS CLEÓPATRA

6.º QUADRO — A INDUSTRIALISAÇÃO

OS MESMOS MENOS O TIGRE, O SOLDADO, BY-
RON, E CAPONE

MME. ICAR

A VOZ DE STALIN

A VOZ DE EISENSTEIN

OPERARIOS, OPERARIAS

7.º QUADRO — A VERDADE NA BOCA DAS CREANÇAS

OS MESMOS

O MEDICO

TRES CRIANÇAS SOVIETICAS

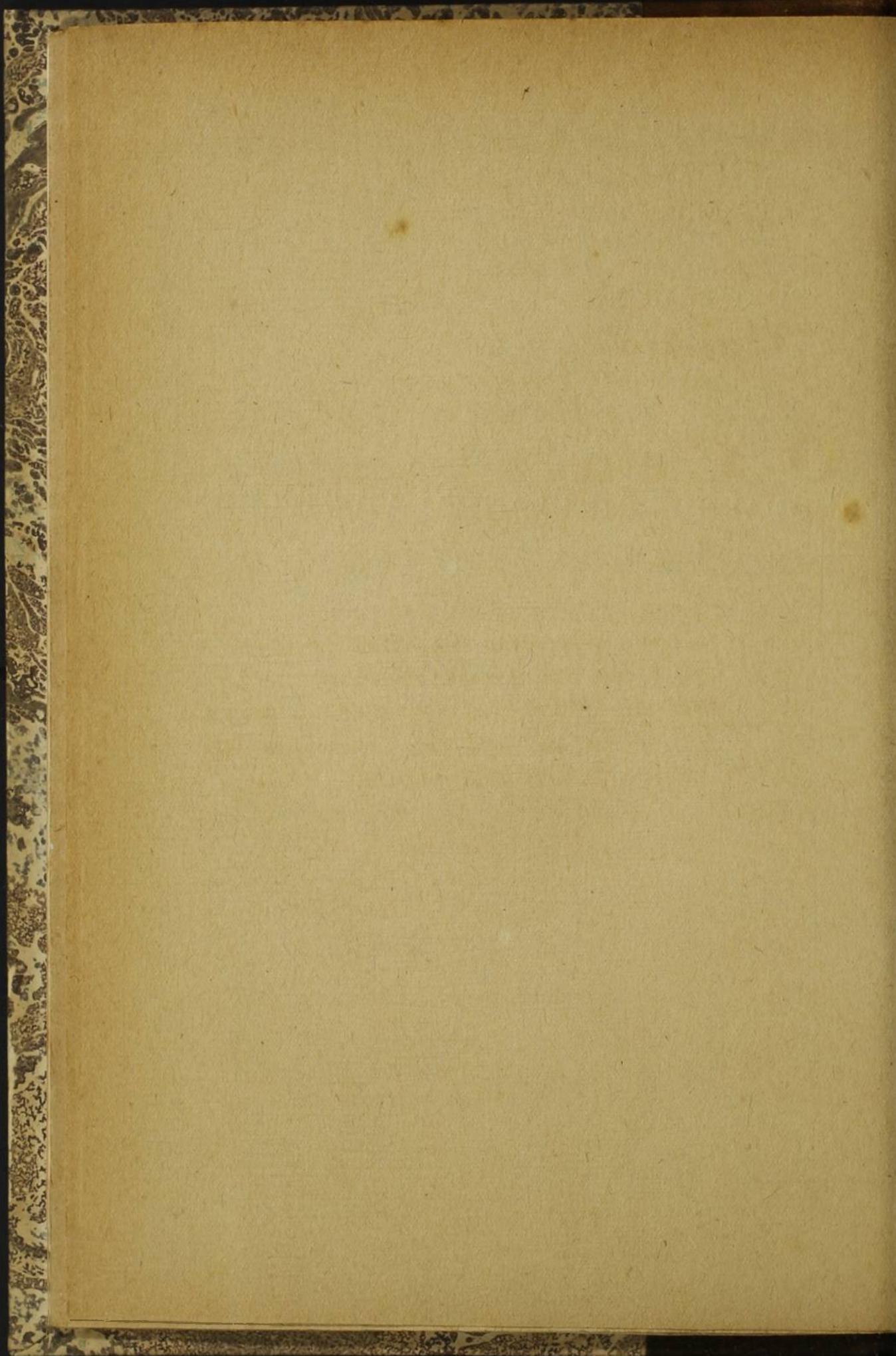
8.º QUADRO — O TRIBUNAL

OS MESMOS MENOS O MEDICO E AS CREANÇAS
MAIS O TIGRE O SOLDADO VERMELHO DE
JOHN REED

MME. JESUS
CRISTO
MADALENA
A VERONICA
O BARÃO BAR-A-BÁS DE ROSTSCHILD
FU-MAN-CHÚ
DARTAGNAN
UM HESPAÑOL
UM PEQUENO BURGUEZ
UM ROMANCISTA INGLEZ
O CAMARADA VERDADE
UM POETA CATÓLICO

9.º QUADRO — O PLANETA VERMELHO

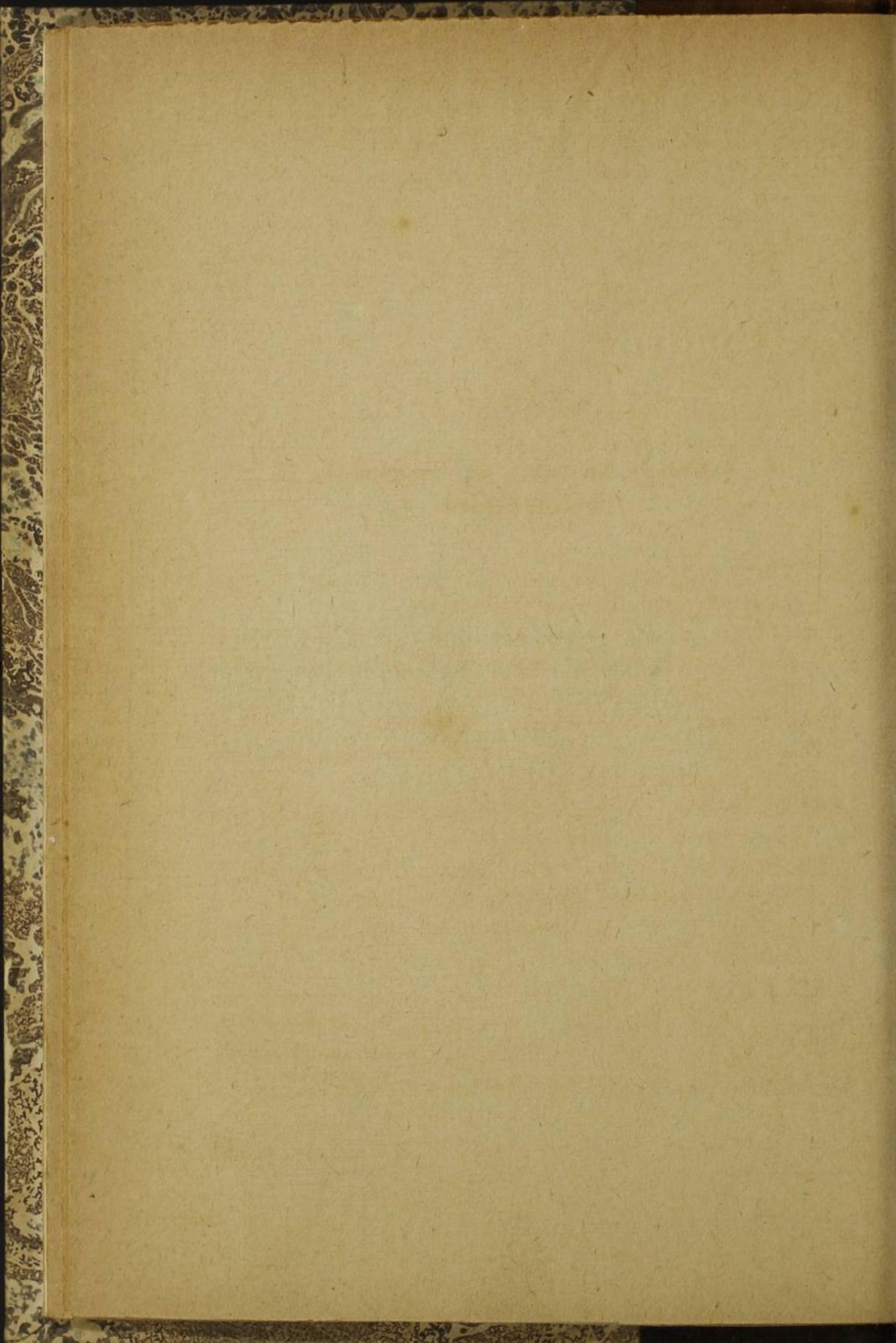
OS MESMOS MENOS AS PERSONAGENS DO TRIBUNAL
A BARONEZA DO MONTE DE VENUS
O CONDUTOR DE MARCIANOS
O EMPREGADO DO ESTRATOPORTO
O VENDEDOR DE CAMBIO NEGRO
O AGENTE DA GUEPEOU
UM GRUPO DE MARCIANOS
O CACHORINHO SWENDEMBORG



1º Quadro

O C e u

A cena representa um velho carrussel —
Ao fundo, um elevador inutilizado — Uma
inscrição DEUS-PATRIA-BORDEL-CABA-
ÇO — De um lado, tres reservados HO-
MENS-MULHERES-ANJOS.



CENA I

As 4 Garças, sentadas em banquinhos, fazem bordados

ETELVINA (*bocejando*) — Ih! Que dia páu! Quando é que acabará esta eternidade!

MALVINA — Eu é que não posso ficar sem ocupação. São Pedro me pediu para fazer umas toalhinhas, o fio de nuvem acabou...

BALDUINA — Não esqueça as iniciaes...

ETELVINA — Ih! Céo é pau! Que pena Rasputin ter ido para o inferno!

BALDUINA — A culpa foi do Iussupof que não deu tempo dele se confessar!

QUERUBINA — Mas vocês queriam o Rasputin aqui?!

ETELVINA — Pelo menos se tirava linha...

MALVINA — Vamos estudar inglez, em vez de falar besteira. Anda, gente!

ETELVINA — Comece você...

MALVINA — The table — the pencil — the breakfast.

ETELVINA — São Pedro já sabe como é borboleta.

QUERUBINA — Ele me ensinou: — Buterfly!

(Ouve-se o DIVO cacarejar dentro do reservado das mulheres).

MALVINA (*tapando as orelhas*) — Que fracasso!
QUERUBINA — O DIVO está estudando, coitado!
MALVINA — Dentro da casinha?
QUERUBINA — São habitos terrestres.
BALDUINA — Não está bem desencarnado ainda...
ETELVINA — Ele vai dar um concerto em beneficio.
MALVINA — Aqui no céo?
ETELVINA — Em beneficio do soldado desconhecido!
MALVINA — São idéas daquele outro maluco...
ETELVINA — Quem?
MALVINA — Do Poeta Soldado!
ETELVINA — Que fim levou ele? Não comungou
hoje...
BALDUINA — Nem tomou café com leite!
QUERUBINA — Eu sei... Mas não posso dizer...
AS TRES — Conte! Conte!
QUERUBINA — Ele pediu segredo...
AS TRES — Ora! Segredo no céo! Bôa piada!
QUERUBINA — Me fez jurar por Deus que eu não
contava.
ETELVINA — Empregando o nome de Deus em vão!
MALVINA — Que pecado! Daqui um pouco São Pe-
dro expulsa ele d'aqui.
QUERUBINA — Ele está fabricando uma lança. Achou
uma ponta de raio na Caverna dos Cirrus. Um raio
que não tinha explodido. Disse que vae fazer uma
lança d'aqui Uma novidade! E' uma lança ele-
trica!
MALVINA — Antes ele fizesse um lanceiro eletrico!
BALDUINA — Decerto! Lá em baixo contavam que
o céo era uma boniteza. Eu fiquei virgem a vida
inteira para guardar a castidade praqui! Falavam

em festas de entontecer. Cardeaes! Ceias Não encontrei aqui nem um periquito macho pra me coçar...

MALVINA — E' verdade que temos São Pedro...

QUERUBINA — Eu prefiro o Poeta Soldado.

BALDUINA — Qual! Outro brocha! E' só tamanho!

ETELVINA — O Divo pelo menos canta!

BALDUINA — Canta! Canta mas não entôa!

ETELVINA — Vocês estão ficando histericas. Precisam consultar um psicopata!

BALDUINA — Tambem com estas tres frutas... E' isso! Homem que vem parar no céo!

(Silencio desolado)

BALDUINA — Vocês não sabem um verso?

MALVINA — Eu sei.

BALDUINA — Então diga!

MALVINA (*recitando*) — Atirei um limão doce... Esqueci... espera!

Deu no cravo
Deu na rosa
Deu no peito
Do meu bem!

BALDUINA — Arre que achamos um brinquedo de sociedade.

ETELVINA — Eu sei outro! E' uma fabula "a aranha e a moscasinha".

AS TRES — Ah! Que bonito! Diga! Diga!

ETELVINA (*recitando*) — "a aranha e a moscasinha"

Uma aranhinha gozada
Vivia quietamente
Tecendo o seu aranhol

Um dia uma moscasinha
Passou pertinho dela
Zuum! Zuum! Zuum!

AS TRES — (*rindo*) — Ah! Ah Ah! Que estupendo!
ETELVINA — Não sei o resto!
AS TRES — Ora!
MALVINA — Como é que acaba?
BALDUINA — E'! Diga o fim!
ETELVINA — A aranhazinha ficou abespinhada!
MALVINA — Ora essa! Abespinhada!

CENA II

Os mesmos, o Poeta Soldado

(*som de trombeta*).

O POETA-SOLDADO (*entrando inesperadamente*) —
Eu quero regenerar a humanidade! Quero restaurar a guerra e o sentido da guerra. Unica igiene do mundo. (*para as 4 garças*) Sucia de malfazjas! Pacificas dum afiga! Sociedade das Nações! Vocês estão esperando marido aqui no céo! Não sabem que a finalidade da mulher não é trepar nem parir! E' a Cruz Vermelha! Ide trabalhar sob o signo sangrento! Fazei pensos de sol, unguentos de saturno para os meus guerreiros! Pomadas mercuriaes para os meus heroes!

AS QUATROS — Nós temos mais que fazer!
MALVINA — Deus nos livre! Mulher não deve trabalhar!
ETELVINA — Só em horas comodas!

O POETA-SOLDADO — Vadias! Bancando as desempregadas. Vivem tomando chá, se visitando e fazendo trancinha. Venham se preparar no exercício glorioso das armas! No jogo perigoso das espadas! Jurar bandeira! Lembrai-vos de vossas tias, as Amazonas.

(toca a trombeta)

Da vossa avó Joana D'arc! Da brasileira D. Pulqueria que amamentou desesete sargentos na guerra do Paraguay!

CENA III

Os mesmos, o Divo

O DIVO (*cantando de dentro do reservado das mulheres, com a musica da Donna é Mobile*).

Quero dinheiro
Receber tudo
Contrato inteiro
Ou fico mudo!

(aparece abotoando a cinta, da privada)

O POETA-SOLDADO — Mas que mania! Você vive no reesrvado das senhoras!

O DIVO — Está entupida a outra!

BALDUINA — Sujeito cafageste!

O POETA-SOLDADO — Você perdeu o senso moral no palco!

O DIVO — Mas isto aqui é céo ou não é céo?

O POETA-SOLDADO — E' céo, mas céo moralizado!
Censurado!

ETELVINA — Sei disso! Nós estavamos hontem lendo
um livro condenado.

AS TRES — Credo!

ETELVINA — Sim senhor! "os homens preferem as
loiras"!

BALDUINA — Quem foi que trouxe essa porcaria
pra cá!

O DIVO — Vão dizer que fui eu!

O POETA-SOLDADO — Livros excomungados neste
ambiente de elevação! Vou denunciar ao vice-almi-
rante Pedro! Vou abrir um inquerito policial!

ETELVINA — Faça o favor! Não fique alucinado
sinão nós também ficamos!

BALDUINA — Estamos fartas dessas fitas de guerra!

MALVINA — As conversas do céo são inocentes mas
acabam sempre em sururú!

O DIVO — Conversas de céo! Ah! Ah! Ah!

MALVINA — Cala a boca demente precoce!

O DIVO — Cala a boca, bundinha seca!

CENA IV

Os mesmos, Pedro

SÃO PEDRO — Que frege é este? Querubina, Etelvina,
Malvina, Balduina, as minhas quatro garças, não
vos transformeis em latejantes furias do céo! Res-
peitae a quarta dimensão do Paraizo. Se destruir-
mos este reduto da eterna mudança, o mundo mer-

gulhará no materialismo historico! Sou São Pedro;
São Pedro na era da maquina!

AS QUATROS — Viva o céo!

SÃO PEDRO — Obrigado! Vivemos no unico céo possivel, acima das camadas estratosfericas! O céo fisico do meu compatriota Einstein — o céo no tempo. Algo se move! Outro dia, quando acabei o meu ultimo pistolão, vocês me pregaram uma vaia, suas cadelinhas! Se fosse no tempo da minha festejada virilidade, eu tinha respondido — miquiou, este! E pregado uma bôa banana. Mas já se foi a era das suntuosas festas do céo, quando faziamos correr a grande loteria da Graça, quando se celebrava entre martires frescos e virgens garantidas, o dia dos anos de Deus!

AS QUATROS — Nós somos virgens!

O DIVO — Eu tambem!

SÃO PEDRO (*enternecido*) — Minhas bichanas? As ultimas das onze mil uvas que encheram de recalques o Paraizo antigo?

ETELVINA (*assoando-se*) — Eu estou um pouco grimpada...

O DIVO — Acabou a asparaizina.

SÃO PEDRO — O clima do céo está mudando...

ETELVINA — Está esfriando! Ja não é o mesmo.

O POETA-SOLDADO(*em transe*) — A felicidade do homem é uma felicidade carniceira! A ultima coisa que resiste no cadaver é o dente! Eu, O POETA-SOLDADO, sou o genio oficial da guerra! E em verdade vos digo que é preciso restaurar a lança e o cavalo. A guerra com a intervenção de Deus, com a intervenção do raio! A guerra quimica com ou sem vento! E' preciso resolver a crise de desemprego das furias e dos raios! Raios publicos, raios

improprios para menores, raios de circumstancia, raios de Casanova! Quem quizer me entender, me entenda! Quem tiver ouvidos, ouça! Divo! Desenrola como um tapete a tua gargantinha de cima!

O DIVO — Giovinezza não sei cantar!

O POETA-SOLDADO — Como? Desconheces a obra-prima do bel-canto, salafrario! Bofé! Eu fui mordido em creança pelo Cavalo de Atila! Precisamos tomar as terras dos povos fracos e catequizados e entrega-los como escravos aos poderosos arianos, que têm esqueleto de anjo!

AS QUATRO — Muito bem!

ETELVINA — Oilá um balão!

(*Swendborg, late*)

SÃO PEDRO — Tais-toi Swendemborg!

QUERUBINA — Escuta o discurso, lulú!

O POETA-SOLDADO — Eu sou o companheiro de leito da morte! A morte é o cabaço da necessidade! Como é que um espermatozoide pretende ser imortal! Que és tu, espetador, sinão um espermatozoide de colarinho! E por isto te recusas a conhecer a verdade que a guerra traz nas arterias. Cantemos o nosso hino! Entoemos a nossa loa! Kip! Kip! Burra! (*bate na bolsa que traz a tiracolo*).

AS QUATROS — Kip! Kip! Burra!

O POETA-SOLDADO — Pela Camisa do Repouso! A camisa onde o homem dorme!

TODOS (*em coro*) — A camisa de Morfeu! Kip! Kip! Burra!

O POETA-SOLDADO — Pela Camisa da Guerra! Preta, parda, multicôr!

TODOS (*em coro*) — A Camisa de Marte! Kip! Kip! Burra!

O POETA-SOLDADO — Pela Camisa do Amor que move o mundo!

TODOS (*em coro*) — A Camisa de Venus! Kip! Kip!
Burra!

MALVINA — E' um balão! E' um balão! Olha d'aquele lado!

(*Swendemborg late desesperadamente*).

QUERUBINA — Um balão!

ETELVINA — Charuto!

BALDUINA — Pra festejar São Pedro!

QUERUBINA — Ha quanto tempo que a gente não via um balão!

ETELVINA — A primeira que viu fui eu!

QUERUBINA — Foi Swendemborg! Ele latiu!

BALDUINA — Deu sinal!

MALVINA — Eu fui a segunda!

QUERUBINA — Cae aqui!

BALDUINA — Vem caindo!

MALVINA — Cae! Cae! Balão!

O DIVO — Eu vou pegar ele! Ninguem se meta!

MALVINA — Não! Quem pega é São Pedro!

O DIVO — Então eu rasgo!

QUERUBINA — Sou eu que pego!

O DIVO (*alucinado*) — Pega! Pega! Saparia! Poeta!
Me empresta a lança?

MALVINA — Vem cahindo!

ETELVINA — E' meu!

BALDUINA — E' meu!

TODOS (*tumultosamente*) — E' meu! E' meu! Larga!
,Pega! Deixa!

O DIVO — Pega! Pega!

SÃO PEDRO — Não rasga, heim! Deixa cair! Que bicho! Não rasga! Deixa! (*para o Poeta Soldado*

que foi buscar rolos de nuvens) — Não atira pedra heim?

(O balão desce, pousa. E' uma bola de alumínio. Todos se acercam em círculo. Uma portinhola se abre. Uma cara morena, sob um chapéu de escafandro, surge).

O RECENTE CHEGADO — Que povo bonitinho!

(Surpresa. Silêncio).

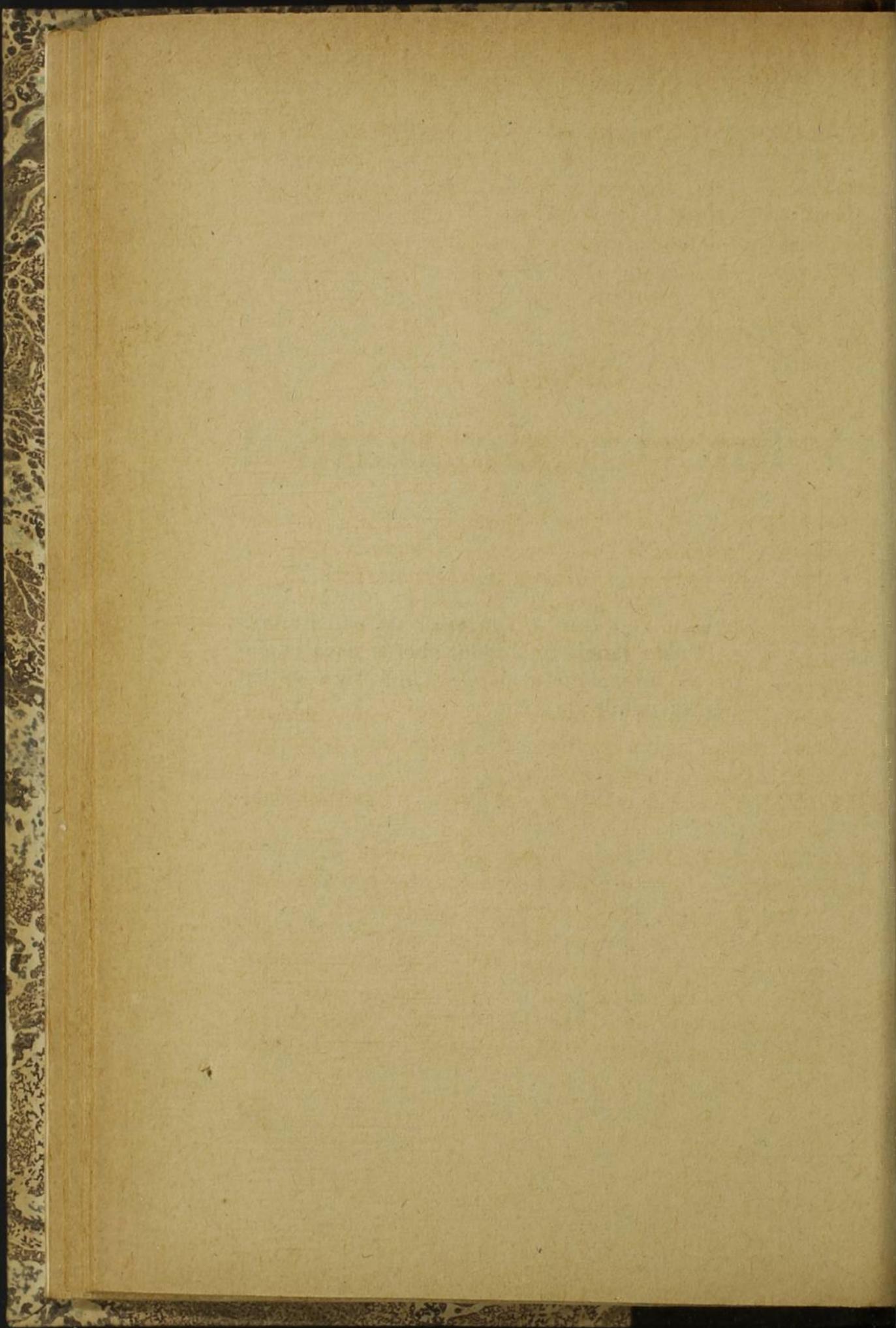
— Eu sou o professor ICAR.

PANO

2º Quadro

O Interior do Icaro I

A cena representa o interior da estratonave
— Vasta janela ao fundo, aberta para os es-
paços interplanetários — Uma figura mons-
truosa pende do teto.



CENA I

**Os personagens do quadro anterior, menos
o Divo, Icar e Pedro**

ETELVINA — Arre! Que deixamos aquela pasmacea. Devemos o nosso regresso á terra a esse maniaco que conseguiu atravessar a estratosfera...

MALVINA — E cair no céo!

QUERUBINA(*para o Poeta-Soldado*) — Porque é que você o matou, querido!

O POETA-SOLDADO — Eu não o matei! O desencarnei! Ha muita diferença. O que vocês queriam suas messalinas modernas, era pilhar um preto no céo! Para estragar a raça!

ETELVINA — Mas ele não era preto! Era chocolate ariano.

O POETA-SOLDADO — Com aquela cara!

ETELVINA — Ficou preto porque passou perto do sol. A tres leguas! Era natural que amorenasse!

O POETA-SOLDADO — Não quero saber! Em negocio de raça, eu não transijo! Nada de misturas. Não sofro de delicadezas! Vou matando logo. Vocês sabem que as almas são brancas. Como os squeletos das baratas! São arianas! Ora, ele mes-

mo, descascado como está agora, já vae sentindo as vantagens incalculaveis do arianismo! Se você fasse a ele, antes da desencarnaçao, na necessidade que a gente branca tem de submter, explorar e humilhar a gente de cõr, ele talvez não comprehendesse. Agora comprehende. Já discreteamos sobre Civilização, Cultura, Imperialismo, Capital, Raça e outros temas brancos. Olhem, outro sujeito que me injiriza é esse judeu...

MALVINA — São Pedro, coitado!

O POETA-SOLDADO — Coitado porque? Eu por mim dava cabo dele! Cristão novo!

MALVINA — Não faça isso! Deus castiga!

O POETA-SOLDADO — Deus? Você não sabe que 'Deus nosso Senhor foi crucificado pelos judeus! Pedro, antes de ser naturalizado cristão, era judeu. E judeu pobre! O que é inadmissivel! Bolas! Somos ou não somos arianos? Olhe! Se vocês quizerem, tenho um plano diabolico, terrivel.

(Todos se aproximam)

AS QUATRO — Diga! Fale!

O POETA-SOLDADO — Vocês não denunciam? Posso contar com a alvura dos vossos sentimentos racionaes?

CENA II

Os mesmos, São Pedro

SÃO PEDRO — Que galinhagem é essa?

O POETA-SOLDADO — Nada, almirante! Estavamo querendo pregar uma partida ao professor ICÁR! Brincadeira de balão!

SÃO PEDRO — Isso é grave! ICAR não pode ser tocado. Nem cheirado! Até aportarmos á terra. Vocês estão vendo como ele vae dando conta do recado. Nos momentos que sucedem á morte, o espirito custa a tomar conhecimento do seu estado e desenvolve os impulsos que o agitavam em vida. Foi graças a isto que obtivemos até agora a sua brilhante ação na cabina de comando. Sem os conhecimentos dele, não poderíamos nunca ter abandonado nesta nóz o velho céo dos nossos paes! E muito menos ter atravessado sem acidente esses cinco dias de coalhada aerea...

MALVINA — A via-latea!

SÃO PEDRO — Teríamos talvez nos esborrachado contra qualquer bico de estrela...

O POETA-SOLDADO — De fato. Não se pode negar que o homem vae como uma luva no comando. Estamos longe dos perigos brancos do equador inter astral. E breve nos aproximaremos da velha terra de nossos anceios!

ETELVINA — Ainda temos muito tempo. Dá até pra fazer um joguinho!

QUERUBINA — Boa ideia! Vamos jogar para passar o tempo depressa.

SÃO PEDRO — Impossivel, minhas garças! Com a pressa, esqueci o baralho...

A VOZ DE ICAR — Fechem a janela! Calafetem os oculos! Cometa a boroeste!

SÃO PEDRO (*ao POETA-SOLDADO*) — Fecha a janela, lerdo! Ai vem um cometa! (*o POETA-SOLDADO e as 4 garças obedecem*).

AS QUATRO — Vamos rezar?

SÃO PEDRO — Mas que brincadeira! Um cometa a estas horas. Vamos debelar o perigo! De joelhos! Eu agarro na figura! Vamos implorar!

O POETA-SOLDADO — Quem?

SÃO PEDRO — O deus da zona, sei lá! Vamos (*declarando*). Minhas almas benditas! Que morreram degoladas!

E aquelas tres
Que morreram a ferro frio!
E as tres pesteadas!
Juntas todas tres!
todas seis!
E todas nove
Para darem tres pancadas
Toc! Toc! Toc!

TODOS — Toc! Toc! Toc!

SÃO PEDRO — No coração do perigo
Amen!

Tesconjuro! Tesconjuro! Tesconjuro!

A VOZ DE ICÁR — Podem abrir! O animal de rabo
desapareceu. Era uma estrela!

MALVINA — Qual?

A VOZ DE ICAR — Greta Garbo!

ETELVINA — Passou o perigo! Vamos festejar com
um joguinho, sim?

MALVINA — Eu prefiro recitar.

SÃO PEDRO — Declamação. Estamos em sociedade!

ETELVINA — E o radio?

SÃO PEDRO — O radio, depois do almoço! Você,
Malvina!

MALVINA (*recitando*) — Por isso afirmo que o amor
para a mulher é sofrimento e lagrimas e para o
homem um passa-tempo, um divertimento... Homem
sinonimo de Belzebúth!

TODOS (*rindo*) — Ah! Ah! Ah!

SÃO PEDRO — Você pensa que ainda está no céo!

O POETA-SOLDADO — Isso é poesia de céo! Onde
está o DIVO? Podia cantar um hino guerreiro;
SÃO PEDRO — O DIVO? Tomou um porre danado!
Está dormindo.

QUERUBINA — Porre de que? Onde é que tem
uisque?

SÃO PEDRO — De eter! Fez um buraquinho no balão
e começou a sorver o eter da estratosfera!

MALVINA — Que pirata!

SÃO PEDRO — Ia fazendo o balão dar um looping.
Quasi que rompeu o equilibrio.

MALVINA — Que perigo! E nós que não temos pa-
raquedas!

QUERUBINA — E' mesmo.

ETELVINA — Vamos jogar.

TODOS — Vamos! Mas o que? O que?

SÃO PEDRO — Si vocês estão mesmos dispostos, eu
invento um joguinho... Juguinho do céo!

TODOS — Sim, São Pedro! Conte! Como é?

SÃO PEDRO — Está aberto o jogo! E' o joguinho dos
planetas. Não ha tribofe. A gente aposto qual é que
passa perto do balão. O professor, lá da cabina,
anuncia...

TODOS — Vamos! Façam as paradas!

SÃO PEDRO — Está aberto o jogo!

MALVINA — Eu jogo em Jupiter!

O POETA-SOLDADO — Cincão em Marte!

SÃO PEDRO — Vamos Ver! Tem duas em Venus,
tres em Jupiter, uma em Mercurio...

O POETA-SOLDADO — Corvo preto! Corvo preto!
Sabado! Sabado! Elefante!

SÃO PEDRO — Isso dá azar!

O POETA-SOLDADO — Corvo preto! Corvo preto!

A VOZ DE ICÁR — Urano!

SÃO PEDRO — Todos perderam! Refaçam o jogo!
Jupiter dois! Você?
O POETA-SOLDADO — Marte! Insisto...
MALVINA — Jupiter!
O POETA-SOLDADO — Corvo preto! Salta aqui;
Salta acolá!
A VOZ DE ICAR — Parece a lua!
SÃO PEDRO — Isto é tribofe! Não é possivel? Já
estamos no suburbio? Vou ver!

(Sae)

CENA III

Menos Pedro

O POETA-SOLDADO — Tribofe velho!
MALVINA — E o complot?
O POETA-SOLDADO — Contra o judeu?
AS QUATRO — Voce afinal não nos disse...
O POETA-SOLDADO — Voces não topam!
AS QUATRO — Topâmos! Ora!
O POETA-SOLDADO — Escutem! Voces sabem que
estamos sujeitos nos espaços interplanetarios ás leis
da Relatividade. Podemos chegar á terra amanhã
como ante-hontem. Isso depende só da velocidade
que levarmos. Se o Professor quizer, fuzilamos São
Pedro sem fazer um gesto.
AS QUATRO — Como? Como?
O POETA-SOLDADO — Inaugurou-se ha dois dias na
Alemanha de Hitler a campanha de morticinio con-
tra os judeus... Vocês ouvirão pelo radio... pois
é só fazer o balão apressar a marcha, depassar a ve-

locidade da luz e aterrar em Berlim ante-ontem, no meio do auto-da-fé!

MALVINA — Gozado!

ETELVINA — Que idéa mãe!

A VOZ DE PEDRO — Terra! E' a terra!

A VOZ DE ICAR — A Inglaterra!

O POETA-SOLDADO — Que pena! Na Inglaterra nunca mataram Judeus! Só escondido.

CENA IV

Os mesmos, Pedro

SÃO PEDRO — Vejam a paizagem! Que maravilha, meus filhos! Venham ver o mappa-mundi!

MALVINA(*da janela*) — Que ventania!

O POETA-SOLDADO — Bôa para a guerra quimica!

QUERUBINA — Estou enjoando (*vomita a um canto*)

MALVINA (*deixando a janela*) — Não olhem, dá vertigem!

A VOZ DE ICAR — E' aqui que se engendra o granizo e se encaroçam as neves...

SÃO PEDRO — O mar lá em baixo! Cheio de peixes!

O POETA-SOLDADO — E' a região dos trovões! E' preciso fascizar o mundo! (*trepaa a uma mesinha*) Desafiae o Destino! Desprezae a morte! Conduzi vossa esperanças para lá de toda sabedoria, de todo medo, de todo pudor! (*o radio fala*).

SÃO PEDRO (*alarmado*) — Escuta! Cala essa boca: Meetingueiro! Você não ouve o radio?... Parece que qualquer coisa de grave está se passando lá em baixo. Na America do Sul. Eu distingui. Silencio!

(*Todos se tornam atentos*).

O RADIO — Ooooooooooo! O povo invade, não respeita nada!

O POETA-SOLDADO — Maima mia!

O RADIO — O povo protesta... Um tiro certeiro!
A policia toma posição no campo para evitar maiores desordens... (*barulho ininteligivel*)

SÃO PEDRO — Parece que é uma revolução!

O POETA-SOLDADO — Que droga! Será a revolução social? Volto para o céo!

SÃO PEDRO — Deve ser! Que barulho!

O RADIO — Ministrinho passa a bola. Com um certeiro tiro Friedenreich marca o primeiro goal para o São Paulo...

SÃO PEDRO (*fechando o radio*) — Ora essa! E' uma partida de futebol no Brasil. Podemos ficar tranquilos. As massas iludidas ainda se divertem com isso.

O POETA-SOLDADO (*retomando a sua posição de comando*) — Heil! Heil! Duce! Heil! Que a máquina do universo pereça na psicose da guerra!

SÃO PEDRO — Se você continua esse discurso, eu abro o radio! (*abre*).

O RADIO — Terra! A terra! P. R. A. O. T. Terra firme. O objeto do trabalho humano. As provisões. Os meios de vida. Os celeiros capitalistas! E a fome das massas!

O POETA-SOLDADO — E' uma estação bolchevista!
Muda!

AS QUATRO — Ora, vamos ouvir!

O RADIO — Terra! Humanidade! As trocas entre o homem e a natureza. A evolução! O capital! A luta contra o capital!

A VOZ DE ICAR — Estamos caindo!

AS QUATRO — Aonde?

A VOZ DE ICAR — Prognostico confirmado! Inglaterra!

SÃO PEDRO — Olhe lá em baixo! Uma corrida de cavalos vivos! Eu conheço. E' o Derby de Epsom. O maior prado do mundo. Agora sim, vocês podem jogar grosso!

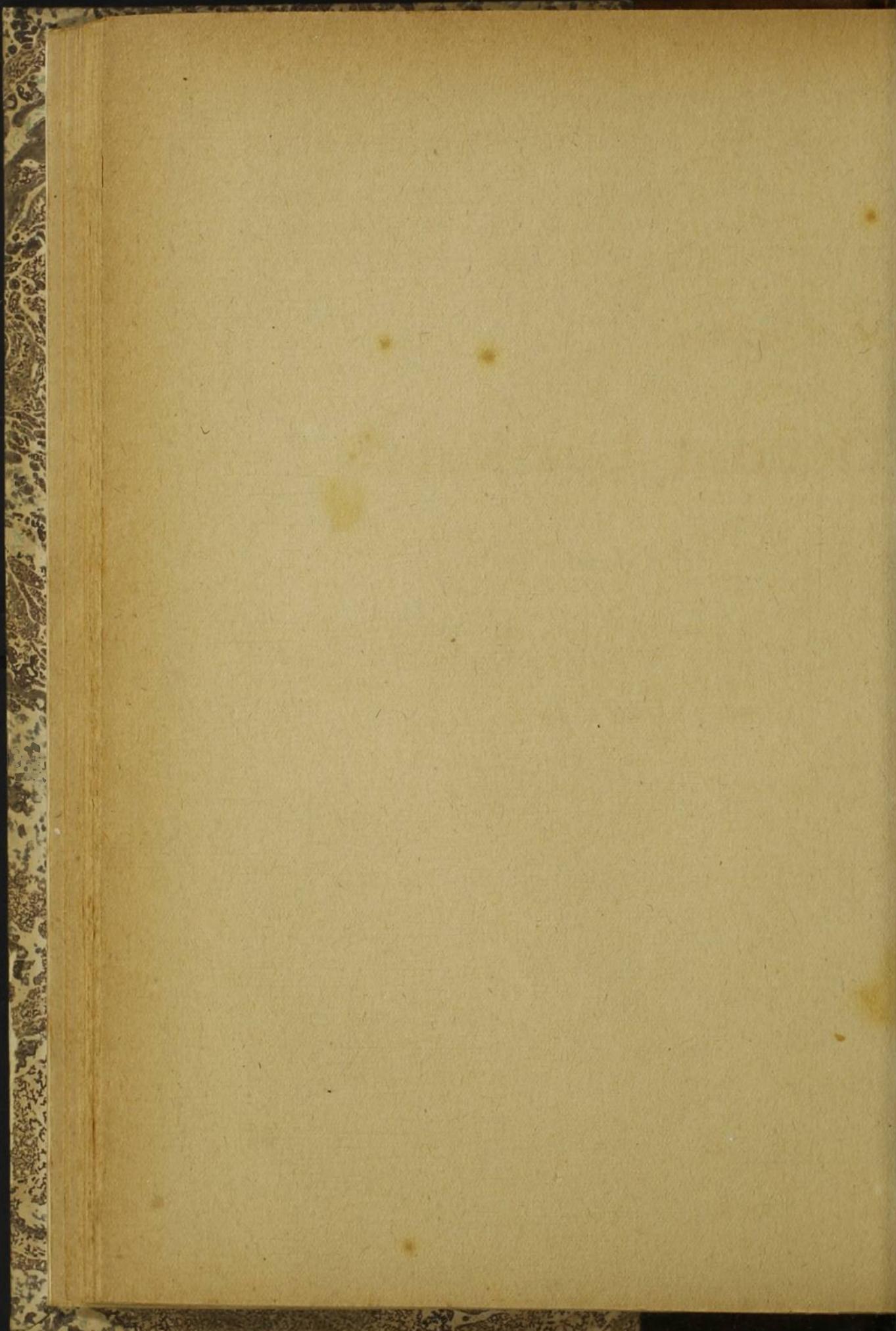
O POETA-SOLDADO — Eia! Eia! Alalá! Destruição, marcha atraç de mim! Eu te abrirei de par em par os caminhos da Gloria! Possuo o coração de Macbeth e a bolsa de Rockfeller!

CENA V

Os mesmos, o Divo

O DIVO (*aparece esgazeado, bebedo, á porta da cabina de comando*) — Acabou o eter! Estamos na atmosfera! Garçon! Um uisque!

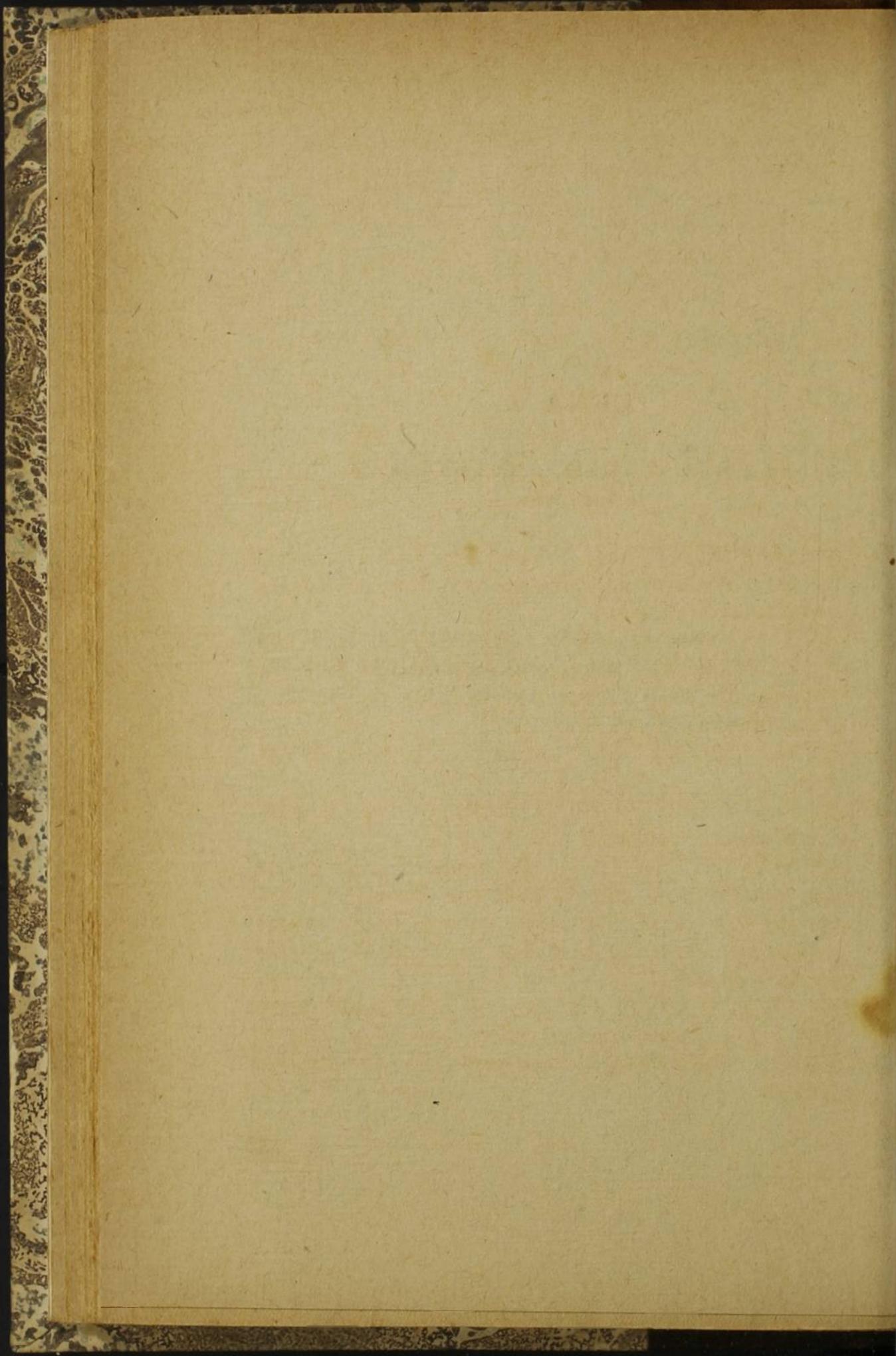
PANO



3º Quadro

Debout Les Rats

A cena representa um local abandonado do Derby de Epson, com palissada ao fundo — Passagem para o campo de corridas — O palco liga-se á platéa.



CENA I

O Cavalo de Troia, o Cavalo branco Napoleão

- O CAVALO DE TROIA — Ploc! Ploc! Ploc! Sae da frente! Vê lá se eu caibo nesta estrebaria! (*desenvolve-se pela cena*)
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — P'lalá! P'lalá! P'lalá! (*dá um trote, passarinha*) Eh! Eh! Potrinho de luxo! Está com vontade de ganhar o grande-premio!
- O CAVALO DE TROIA — Não preciso, besta de carroça!
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — O senhor é um cavalo revoltado?
- O CAVALO DE TROIA — Não senhor! Sou um cavalo conservador. Sou o cavalo de Troia! Quando me abriram, depois da ultima guerra, eu tinha dentro do meu bojo um cavalinho de Troia — o tratado de Versalhes!
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — E dentro dele o que é que encontraram?
- O CAVALO DE TROIA (*rinchando*) — O chanceler Hitler!

- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — Pelo que
vejo, o senhor é muito importante!
- O CAVALO DE TROIA — Sou o unico cavalo da
historia! O meu verdadeiro nome é Tratado de Paz.
Apareço sempre no fim das guerras.
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — Ah! Ah!
Ah! Ah! Ah! Ah!
- O CAVALO DE TROIA — O que é que o senhor está
rinchando ahi? Tipo difuso, entre centauro e veado!
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — Cavalo!
O unico cavalo da istoria, sou eu! Em todas as ba-
talhas do mundo, tenho tomado parte. Sou o cavalo
que não morre! O cavalo do comandante!
- O CAVALO DE TROIA — O senhor tem um cartão?
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — A minha
côr é o meu cartão. Eu sou o cavalo branco de
Napoleão!
- O CAVALO DE TROIA — Ora essa! O senhor é uma
anedota!
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — Não se-
nhor! Sou um teste! Um teste de primeira ordem!
- O CAVALO DE TROIA (*rindo*) — Para creanças de
dois anos e meio!
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — Pois então
advinhe de que côr eu sou!
- O CAVALO DE TROIA — Ora essa! Ora essa!
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — Diga se
for capaz!
- O CAVALO DE TROIA — Branco!
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — Não se-
nhor!
- O CAVALO DE TROIA — Como?
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — Sou russo!
Russo branco!

O CAVALO DE TROIA (*encabulado*) — Comigo é só
no trote inglez!

(*Saem num trote largo e fumegante.*
Clamor imenso).

CENA II

São Pedro, Icar, o Tratador de Cavalos

O TRATADOR — Que freje! Que desordem! Santo Deus! Esses fantasmas reviraram tudo! Mas quem são os senhores? Donde vieram?

SÃO PEDRO — Eu sou da marinha!

ICAR — Eu sou da quinta arma!

O TRATADOR — E esses malucos! Esses camisolas que avançaram sobre os jokeis, em plena disputa do Grande Premio e penetraram neles!

SÃO PEDRO — Trata-se de uma encarnação fascista...

ICAR — Eles aproveitaram-se da corrida de cavalos para cumprir os altos designios da Providencia!

O TRATADOR — Tinha um meio bebedo com uma coroa de louros no cocoruto...

SÃO PEDRO — Aquele é o DIVO.

ICAR — Ele se enganou de caminho, coitado!

O TRATADOR — Entrou no cavalo em vez de entrar no Jokey...

SÃO PEDRO — Mas quem dirige tudo ainda é a sua voz de ouro...

(*Ouvem-se notas de bel canto no meio da algazarra*).

ICAR — Voz de anjo!

O TRATADOR — Eu é que não entendo nada! Os senhores não são daqui?

SÃO PEDRO — Somos do céo!

O TRATADOR — Onde ha anjos?

SÃO PEDRO — O unico anjo que existe é Pegaso.

ICAR — Foi nele que o DIVO penetrou...

SÃO PEDRO — Ele guiará a tempestade!

O TRATADOR — E quem é aquele careca que montou nele?

SÃO PEDRO — O poeta-soldado.

(O clamor aumenta. Ouvi-se a trompa heroica de Lohengrin. Os tres espiam).

O TRATADOR — Mas o que é que eles vão fazer?
Olhem só que barulho! São Patricio. Toda a polícia de Londres não chega para dominar-los...

SÃO PEDRO — Vamos escutar! É a voz do POETA-SOLDADO!

O TRATADOR — A polícia aderiu!

A VOZ DO POETA-SOLDADO — Eu prego a purificação pelo sangue! O mundo está preso aos laços da iniquidade! E' preciso revolver-o até as entranhas. Pelo ferro, pelo fogo e pelos gazes mortiferos! Contra um e contra todos! Basta e não basta!

SÃO PEDRO — Que mistifório!

ICAR — E' um classico da guerra!

A VOZ DO POETA-SOLDADO — E' preciso estar sempre pronto! Armar-se e obedecer. Qual é o avarento que não dá o seu sangue pela Patria! Quem dirige a batalha é o espirito. Eu sou o Espírito!

A VOZ DO DIVO (*cantando*):

Malbrouough s'en-va-t-en guerre
Mironton! Mironton! Mirontaine!
Malbrouough s'en-van-t-en guerre
Tará-tatará-tatá!

O TRATADOR — E' o cavalo que está falando pela
jarda! Eu vou ver de perto!

*(Sae, deixando os outros trepados na
palissada).*

CENA II

Os mesmos, menos o Tratador

SÃO PEDRO — Vamos assistir. E' um espetáculo em-
polgante. Ha buracos na trincheira. Espia!

ICAR — Prefiro trepar.

SÃO PEDRO — Preciso de alento para tomar o meu
posto nesta hora istorica. A minha velha barca ba-
tida pelos ventos desses ultimos seculos precisa içar
de novo o pavilhão de comando do mundo! Feliz-
mente abandonei o céo estafermo e retrogado. Vinte
seculos de ascensor!

*(Algazarra. O tumulto cresce na dis-
tancia).*

ICAR (*trepado na palissada*) — Que emoção formidavel!
Mulheres e creanças ajoelham-se chorando. Ajoe-
lharam-se e choram homens provados em todas as ba-
talhas da vida! Os que sempre esperaram um POE-
TA-SOLDADO. E nele enxergam o heroe de todas
as patrias. Comparam-no a Sebastião de Portugal.

SÃO PEDRO — A unica vitima distinta das guerras coloniaes!

ICAR — E' Aquiles e Garibaldi! Sobieski e Carlos Martel! E' o genio irascivel da guerra! Legionarios formidaveis estabelecem cordões de isolamento para salval-o da ebria multidão! Todos querem beijal-o na calva!

CENA III

Os mesmos, o Vendedor de Jornaes

O VENDEDOR DE JORNAES — O Times! Ultima edição (*oferece*) Quer jornal? Uma tragedia na estratosfera!

ICAR — Escuta, pae PEDRO! Já noticiaram tudo.

O VENDEDOR DE JORNAES — Suicidio ou crime. Um femur caiu da estratosfera! Foi encontrada ao lado uma pratinha de 2\$000. Olha o Times? A viuva ICAR reconhece o femur do esposo!

ICAR — Minha patroa!

O VENDEDOR DE JORNAES — Quem quer o Times! Ultima edição. O desaparecimento do professor ICAR na estratosfera. Pesquisas do Inteligente Service para a descoberta do resto da ossada.

ICAR — A minha ossada! Sou um pobre desencarnado.

SÃO PEDRO — Tenha coragem!

ICAR — Quando penso na familia que perdeu o seu chefe, custo a resistir.

SÃO PEDRO — Agora são orfãos de guerra. A filantropia cuida deles.

ICAR — Então vão morrer de fome! (*chora*)

O VENDEDOR DE JORNAES — O Times! Uma esquadrilha de estratoviões a procura dos dentes do

malogrado cientista. O balão de ICAR deve ter atingido um planeta desconhecido.

SÃO PEDRO — O céo!

O VENDEDOR DE JORNAES — O malogrado inventor teria sido devorado pelos martibaes!

(*Sae*).

CENA IV

Os mesmos menos o Vendedor

ICAR — Minhas creancinhas ficaram sem pão e sem remedio!

SÃO PEDRO — Sús! Coragem! Não podemos desanimar. Você vae ganhar o premio Nobel. E' um martir da ciencia. Não banque o pequeno-burguez sentimental. A hora da guerra soou. A hora grave da guerra. Escuta!

(*Alaridos. Gritos*).

A VOZ DO POETA-SOLDADO — Que cada um tome posição nas estradas ferozes do Destino. Façamos a felicidade das facas!

(*Aclamações. Sons de trombeta*).

SÃO PEDRO (*trepado na palissada*) — Venha ver! Os cavalos estão chegando! São os cavalos mitológicos! Os cavalos da historia e da fabula. O POETA levantou a multidão e a conduz para a guerra. Que espetaculo!

(Tumultos. Relinchos. Cavalgadas. Aclamações).

ICAR — Eu penso no meu lar destruido!

SÃO PEDRO — E' Bucefalo. Marcha contra o sol!
E' a luta contra a Quiméra da Paz! Seguem-n'os
as Amazonas e os Centauros! Venha ver os cava-
los corcundas da lenda!

ICAR (*reanimado, espia por uma pequena abertura*) —
Um camelo!

SÃO PEDRO — E' o cavalo de Mahomet!

ICAR — O burro de Sancho Pança botando fogo pelas
narinas.

SÃO PEDRO — E' o delirio guerreiro da burguezia!

ICAR — Daquele lado estão concentrando a Cruz Ver-
melha!

SÃO PEDRO — As amantes dos padres. As mulas
sem cabeça. Prestam grandes serviços á causa da
guerra!

ICAR — Olá que lindo casal!

SÃO PEDRO — Ariel na garupa de Pedro o Eremita.
Adeante tres reis. São os reis magos. Menelick,
Tamerlão e Alfonsito!

ICAR — Olha NIETZSCHE com aquele frajola!

SÃO PEDRO — E' Parsifal! Reconciliaram-se. Nietzs-
che converteu-se na luta!

ICAR — E aquele moço chibante! E' o Messias. O que
deve vir! E' Siegfried!

(Aclamações. Urras).

VOZES — Pim-pão! Pim-pão! Pim-pão !Pim-pão!

ICAR — Está no cavalo branco de Napoleão! E' o co-
mandante!

SÃO PEDRO — Viva Don Sebastião de Portugal!

ICAR — Aquele outro é Job!

SÃO PEDRO — E' Job novo rico. Está ao lado da alimaria biblica, Leviathan! Escuta. Ele pediu a palavra. Vae falar!

A VOZ DE JOB — Eu sou Job o pedagogo. Resolvi ha trez mil anos o problema do empregado que quer ficar socio do patrão. Avacalhae-vos! eis o meu lema. Um dia talvez Deus tenha dó! Então ele vos dará o dobro do que tirou. A mais valia por intermedio da Providencia. E tereis de novo honras, mulheres e festins. A familia vos abandonará quando estiverdes na miseria. Mas voltará, quando fi cardes rico outra vez. Talvez traga alguns rebentos a mais. Não faz mal. O pae é sempre o marido. A legitimidade é feita pela herança. Deus quer assim!

ICAR — Mas é a propaganda da mansidão e do servilismo.

A VOZ DE JOB — Qualquer revolta é insensata. O homem nasceu para a desgraça como o passaro para voar!

SÃO PEDRO — Corno!

A VOZ DE JOB — E' preciso adorar o arbitrio. Achar bom tudo que acontece. O arbitrio possue Behemot — Leviathan! *Dio a sempre ragione!*

VOZES (*aclamando*) — Be-he-mot — Le-vi-a-than!

ICAR (*Emocionado*) — Desceu da tribuna! Vae pulxando pelo queixo o monstro biblico!

VOZES — Be-he-mot — Le-vi-a-than! *Dio a sempre ragione!*

SÃO PEDRO — Eles conduzem para a guerra um grande carro. Credo! Os trabalhadores são forçados a atirar sob as rodas dele suas mulheres e filhas!

ICAR — O desemprego e o pauperismo abrem alas...
e recrutam as vitimas...

SÃO PEDRO — E' o carro de Djaggermat?

ICAR — Não! E' o rolo compressor do capital!

SÃO PEDRO — Job dirige a marcha...

(*Gritos. Furiosas aclamações. Cornetas.*)

ICAR — *Sono pazzi di vino e di sole!*

SÃO PEDRO — E' a guerra no seu esplendor!

ICAR — Mas que mau cheiro! Parece que pisei num rato morto...

SÃO PEDRO — Não é isso. São aqueles muares ali.
São os cavalos de Augias...

ICAR — E' verdade! Os precursores da guerra química!

SÃO PEDRO — Agora, passam as feiticeiras videntes de Macbeth!

ICAR — E as furias de Walpurgis montando aspiradores eletricos!

SÃO PEDRO — Que será aquilo?

ICAR — Um bicho enorme. Tem sete cabeças e dez cornos!

SÃO PEDRO — Ajoelha-te! E' a Besta do Apocalipse.
A mãe da guerra. Levanta o Santissimo nas patas.

(*O tumulto cresce. Trote de cavalos. Relinchos. Troar de bombas. Relâmpagos. Sons de tempestade.*)

ICAR — Ficou um para traz. Sem cavaleiro! E' Rossinante!

SÃO PEDRO — Sancho vae montal-o. E' a pequena

burguezia que tomou conta do cavalo idealista do
D. Quixote. O facismo!

A VOZ DO POETA-SOLDADO — Macbeth cavalga
Incitatus! Menefredo de todas as vidas humanas!
A guerra é divina porque carrega consigo a ju-
ventude.

UMA VOZ ISOLADA — Para a mutilação e para a
morte.

A VOZ DO POETA SOLDADO — Espedaçados no
campo da luta, renasceremos dionisiacamente! Quem
não quizer me seguir — vista saia!

(*Clamores. Sereias. Canhões. Moto-
tores de avião. Ruidos de marcha*).

A VOZ DO DIVO — Eu sou o patos da destruição!
Pela raça branca! Pela classe rica! Pela moral cre-
tina! Pelo rei cornudo! Pelo altar vendido! Heil!
Duce! Heil! Heil! Duce!

A VOZ DO POETA-SOLDADO — O sangue espirra
na ponta das nossas espadas!

ICAR — Felizmente eu deixei de ser preto.

SÃO PEDRO — E eu sou judeu batizado!

A VOZ DO DIVO — Heil! Heil! Duce! Heil! Heil!
Duce!

A VOZ DO POETA — Somos a herança de Roma. A
salvaguarda da Civilização! *Debout les rats!*

(*Grande silencio*).

SÃO PEDRO — No campo deserto e imenso, passa uma
pobre mulher, curvada, procurando alguém...

ICAR — E' a mãe do soldado desconhecido!

(*Ouve-se na distancia a trompa eroica de
Lohengrin. Uma Walkiria nua, masca-*

*rada contra gazes asfixiantes atravessa
a Platéa e o palco, montada sobre um
cavalo de guerra, protegido tambem pela
mascara).*

SÃO PEDRO — Salve Imaculada Conceição!
ICAR — E' a guerra quimica!

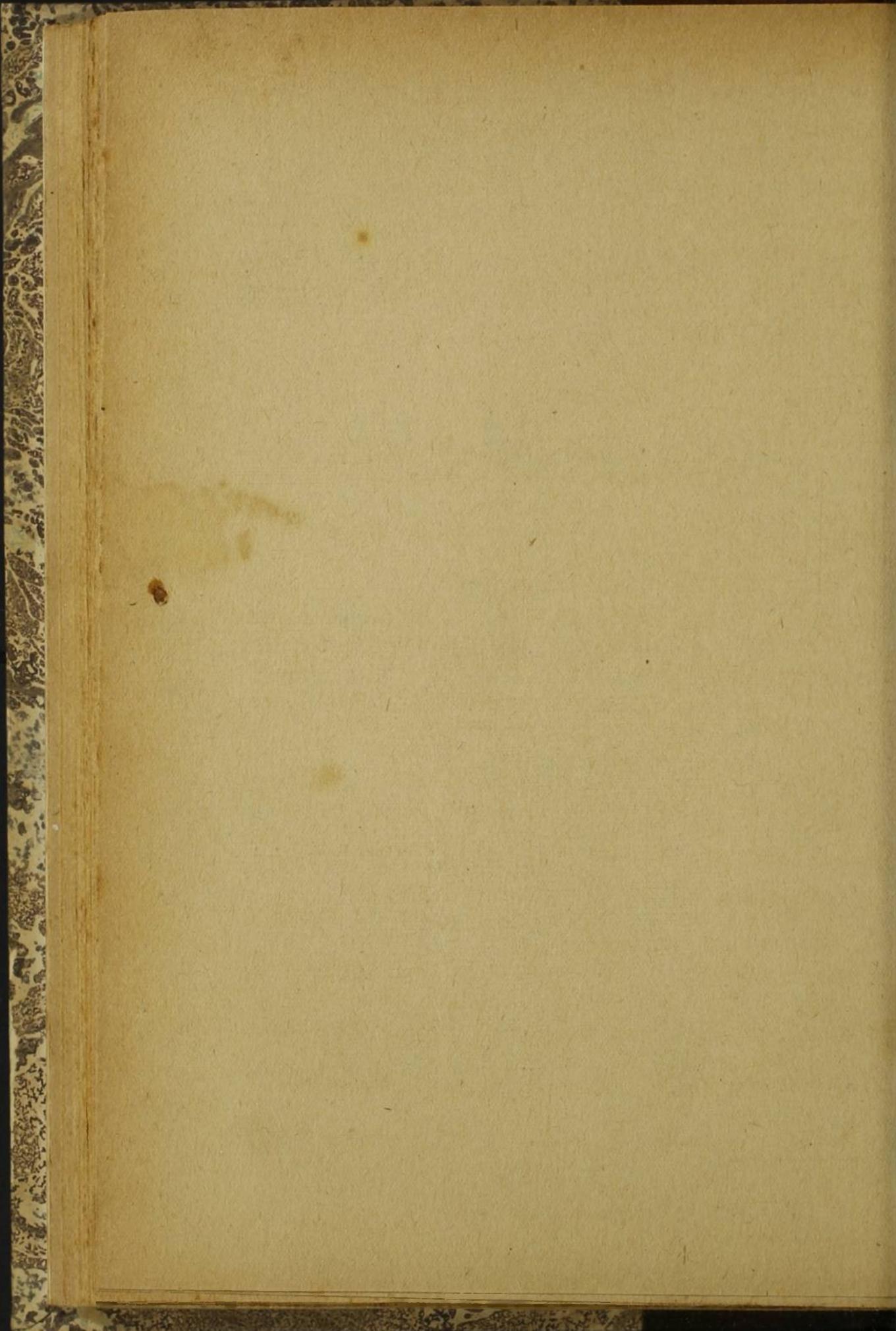
PANO

4º Quadro

A Barca de São Pedro

A cena representa a barca de Pedro — E' o Vaticano sobre uma jangada — No primeiro andar um dancing — Entre altares, hermas falantes — Lord Capone e Mister Byron.

Cartazes identificadores.



CENA I

Lord Capone e Mister Byron

MISTER BYRON — Eu sei. Era uma fita de tou-rada. Tinha um carneiro.

LORD CAPONE — Não dá palpite! Você não viu a fita! Não tinha nada de tourada. Nada! Era uma fita sacana. Propaganda terrorista. Contra a guer-ra. E contra os coitados dos gangsters. Fiquei puto! Ah! Minhas metralhadoras de Chicago! Eu começava por você... Fuzilava o prezado con-frade...

MISTER BYRON — Mas eu também sou do seu clube! Ora essa! Faço parte da frente unica contra a U. R. S. S.

LORD CAPONE — O senhor não passa de um ator-mentado, inexperiente e impetuoso jovem!

MISTER BYRON — Defeitos de educação de landlord. Que saudades de minha mãe!

LORD CAPONE — Complexosinho de Edipo! Já sei... As classes nobres sofrem disso!

MISTER BYRON — Não senhor. Nada. Eu queria era cuspir nela!

LORD CAPONE — Continua landlord! Bravos!

MISTER BYRON — Estou vendo que nos entendemos melhor do que pensava! Gosta de cerveja?

LORD CAPONE — Para vender. Só bebo champanhe.

Sou como meu amigo Ford que anda de Rolsroyce!

MISTER BYRON — Beber é um direito social. Em nada prejudica a coletividade! Andar de Rols também.

LORD CAPONE — Nada disso faz mal algum. O que estraga a sociedade é a imoralidade nos hoteis. Ah! Isso sim! *Voilá l'enemi!* O meu programa eleitoral é esse — suprimir a sexualidade por taxi!

MISTER BYRON — Nos hoteis?

LORD CAPONE — Sim senhor! Bastava isso para salvar a sociedade. Não precisava mais nada. O homem que entrasse num hotel com uma mulher, tinha que entrar sempre com a mesma.

MISTER BYRON — Ora essa!

LORD CAPONE — Perfeitamente. Ele se cansava logo e ia beber de raiva nos bars!

MISTER BYRON — O senhor me desculpe, mas é genial!

LORD CAPONE — Ai! Ai! Mamãe!

MISTER BYRON — Que é isso?

LORD CAPONE — Tambem estou com vontade de cuspir na cabeça de minha progenitora. A ultima vez que cuspi foi no sujeito que me prendeu por causa do imposto sobre a renda.

MISTER BYRON — Foi um escandalo enorme!

LORD CAPONE — Primeiro eu quiz compral-o. Era um juiz como qualquer outro. Mas ele fez chique! Eu então berrei: — Quem é você, seu arcanjo de merda! Quer levar a minha nota? Chantagista! Fedido! Filho disto...

MISTER BYRON — Que dôr de ouvido!

LORD CAPONE — Porque?

MISTER BYRON — E' o seu calão que fere a minha
nobre trompa de Eustáquio.

LORD CAPONE — Fiteiro! No Parlamento inglez di-
zia-se amigos dos operarios!

MISTER BYRON — Demagogia, meu caro. O cartis-
mo foi um movimento perigoso. No fundo, sempre
julguei a miseria uma necessidade social. Uma ar-
ma para acorrentar as classes pobres ás ocupações
duras e repugnantes. A tudo que a vida tem de
desagradável e vil. Para que a nossa classe tenha
dignidade, repouso e gramática. O senhor deve co-
nhecer as minhas origens históricas — a expropriação
do camponez pela lan.

LORD CAPONE — Confraternizemos então! Num
outro continente e numa etapa mais avançada, eu
sou a sua heroica imagem. O romantismo. O se-
nhor comia lá e cagava rimas! Eu bebo cerveja e
mijo gazolina...

MISTER BYRON — Simbolicamente...

LORD CAPONE — Sim. Comercialmente, bancaria-
mente. Somos simbolos apoiados em metralhadoras.

MISTER BYRON — Para o trabalhador revoltado ha
sempre um trocadilho final — a força ou a força...

LORD CAPONE — Ha melhor que isso. A pressão pa-
cifica e silenciosa da fome. Olhe, acredite, o que
perde a America é a estatua da Liberdade!

MISTER BYRON — Eu só admito a liberdade da Gre-
cia! Oh! A Hélade!

LORD CAPONE — Não fale nisso. Isso é passadis-
mo! Leia os modernos!

MISTER BYRON — Outra noite escutei umas pagi-
nas deliciosas de um tal Edgar Wallace. Mas os li-
vros estão caros. O dinheiro se escôa. Fico pissu-

do quando troco uma nota de cinco mil réis. Vae toda embora...

LORD CAPONE — *L'etat c'est moi!* A minha realidade mata na cabeça qualquer livro de Wallace!

MISTER BYRON — Deixe estar que é impressionante.

Aquele sujeito que afunda no tremedal com um grito de gaivota, enquanto os raios estalam sobre a torre de Cragmir! E o outro que se esqueceu de trazer a pistola no dia da reunião do Bando Sinistro. Não podia pular porque a janela era muito alta...

LORD CAPONE — Detesto o romantismo policial. Me mexe com os nervos. A burguezia não me comprehendeu.

MISTER BYRON — Nem a mim. Ciasse desunida pela concorrencia, acaba se estrepando!

LORD CAPONE — Vamos ser francos. Ela nunca devia ter feito o que fez comigo! Sempre fui um moralista, um inimigo do comunismo e da Russia. Ela agora me põe na cadeia e reconhece os soviés! Bolas!

MISTER BYRON — O senhor é mundialmente conhecido como filantropo.

LORD CAPONE — Sou a fauce do monopolio. Inventei os processos mais avançados de vencer a concorrencia...

MISTER BYRON — A' bala! como diria Floriano Peixoto.

LORD CAPONE — Os que tinham olhos não me viam. Os que tinham pernas não me alcançavam. Os que tinham braços não me agarravam. Corpo fechado!

MISTER BYRON — Mas como é que foi preso?

LORD CAPONE — Traição da pequena burguezia! Quando a gente não divide com os outros, eles se tornam moralistas. Foi o que se deu!

MISTER BYRON — E' verdade que continuamos na
Barca de São Pedro...

LORD CAPONE — Sim, a sociedade, sente que pode
precisar de nós. Enquanto houver fornalhas nos po-
rões para os trabalhadores e em cima, Cleopatra di-
rigindo um dancing, somos grandes tipos.

MISTER BYRON — A unica coisa que lastimo é Cleo-
patra não ter reinado na Grecia.

LORD CAPONE — Olha quem vem ai!

MISTER BYRON — São Pedro e um demente.

LORD CAPONE — O dono da barca e seu datilografo.

CENA II

Os mesmos, Pedro (de almirante), Icar

SÃO PEDRO — Eu sou materialista. Nunca acreditci
em Deus nem quando andei com ele pela Terra Santa.

ICAR — Pois eu creio e espero!

LORD CAPONE — E' o papel da pequena burguezia!

SÃO PEDRO — Bom dia, Capone! Esta barca anda
numia vasta decadencia. Vocês dois ainda são espi-
ritos superiores que salvam a fachada. Mas a ralé
anda se infiltrando. Isto sempre foi uma coberta de
luxo, destinada a turistas. Agora encontro aqui ne-
gros e galegos instalados nas cadeiras de bordo. Uma
anarquia!

LORD CAPONE — A estatua da Liberdade!

ICAR — O rádio afixou o resultado da subscrição...

SÃO PEDRO — Que subscrição?

ICAR — Destinada a tirar minha familia das aflições
da miseria. Só rendeu 271\$300. Veja que buraco!
Minhas filhas! Os pequeninos que precisam de
leite.

MISTER BYRON — Eu adoro as valsas.

LORD CAPONE — O fox tem mais sentimento.

MISTER BYRON — Oh! Paganini!

ICAR — Não ha justiça nem na terra nem no céo! Só ha paisagem.

LORD CAPONE — Ha justiça de classe.

MISTER BYRON — Como é que se ha de desmascarar os capitalistas sem desmascarar o regimen?

LORD CAPONE — E' dificil! Veja a forma sabia que se deu á minha prisão. Não fui preso por nenhum assassinato, por nenhum rapto. Isso só me rendeu consideração universal. Fui condenado por um crime contra o regimen capitalista — porque sonneguei o imposto sobre a renda!

MISTER BYRON — E não quiz corromper os funcionários.

LORD CAPONE — Só de birra!

ICAR — Para o pobre, não ha justiça nem pão!

LORD CAPONE — Isso tudo esta a serviço do capital!

ICAR — Mas os interesses da sociedade...

MISTER BYRON — São os interesses do capital.

(*Tumulto. Corre-corre. Vozes*).

CENA III

Os mesmos, o Mestre da Barca

ICAR — Que frege é este?

SÃO PEDRO — Que vejo!

ICAR — E' o Mestre da Barca... Abandonou o posto!

SÃO PEDRO — Que será?

O MESTRE DA BARCA (*a São Pedro*) — Finalmen-

te encontrei a alta sociedade. Só falta aquela franga lá de cima!

LORD CAPONE — Respeite Cleopatra!

MISTER BYRON — Respeite a realeza!

O MESTRE DA BARCA — Safados! Piratas! Parasitas duma figa!

SÃO PEDRO — Respeito!

ICAR — Respeito!

O MESTRE DA BARCA — Respeito sim, para os que trabalham. Vocês nos dividiram em automatos. Presos á maquina, dependendo dela. Chicoteados pela fome! Reduziram-nos a homens fargmentarios, isolados da creaçao e da vida!

MISTER BYRON — Chama a policia!

LORD CAPONE — Telefona!

O MESTRE DA BARCA — Chamem todas as policias do mundo, eu saberei revoltal-as. Que são os soldados senão explorados como nós!

LORD CAPONE — Forma uma milicia de filhos de rico!

ICAR — Não ha mais ricos.

O MESTRE DA BARCA — Sucia de ladrões. O vosso dia chegará e bem proximo! A vossa hora virá! Ha vinte anos que trabalho 14 oras por dia sem almoçar. Para vocês terem vicios e doenças mentaes. Largo hoje esta bosta! Estámos á vista dos estaleiros. Vou levantar os meus irmãos. Somos martires e queremos liberdade!

(Ouve-se um clamor imenso do caes proximo).

SÃO PEDRO — Traidor! Você nos conduziu para os estaleiros da desordem! Faça marcha ré!

O MESTRE DA BARCA — Traidor é você! Pescador miserável da Galiléa que se tornou chaveiro da prisão religiosa das massas.

LORD CAPONE — Socorro!

MISTER BYRON — Aqui d'el rei!

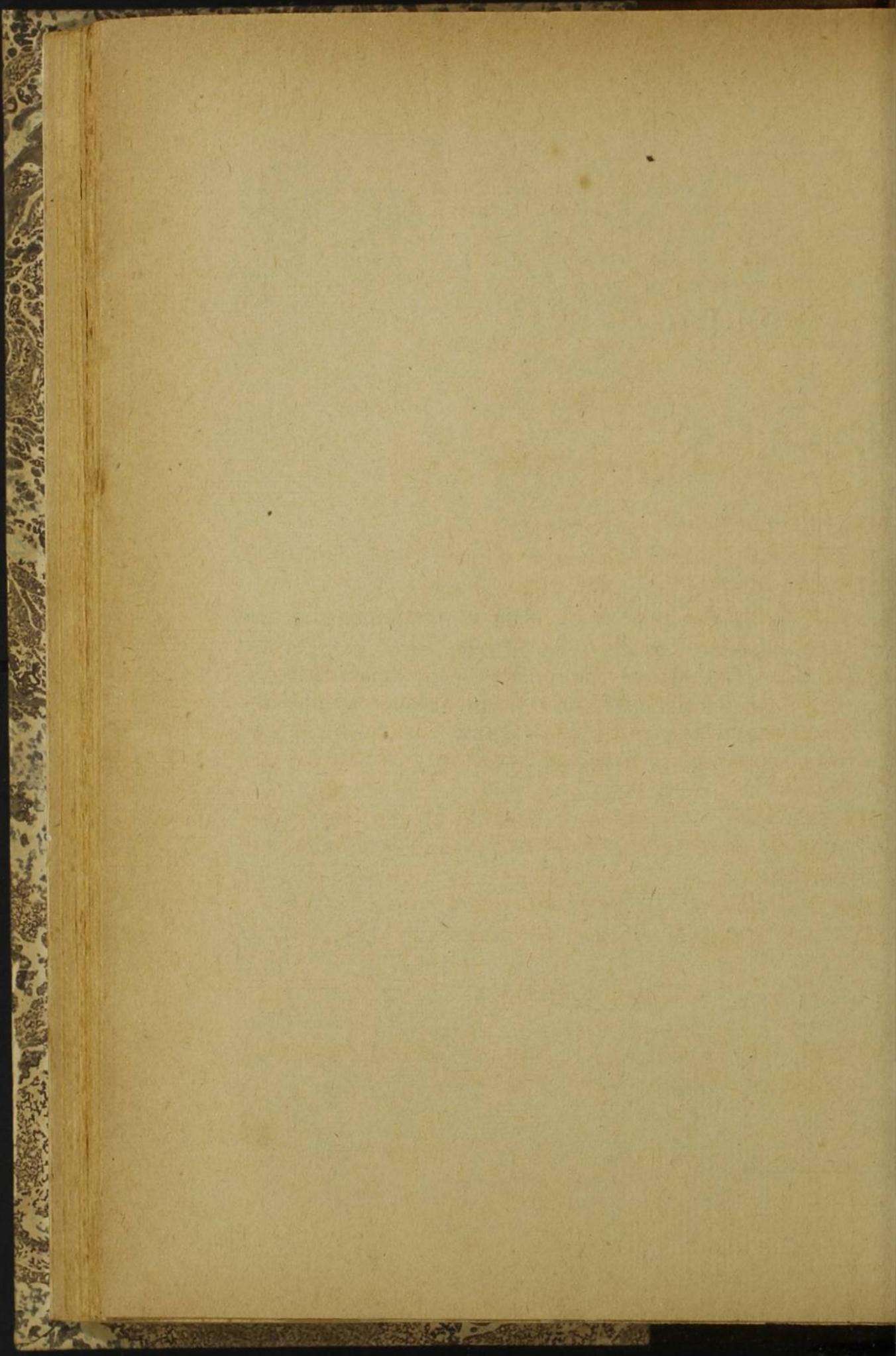
(O clamor do caes aumenta. Gritos e vozes subversivas).

PANO

5º. Quadro

S. O. S.

Mesmo cenário — Em cima dansa-se continuamente — Ao fundo dos estaleiros, arranha-céos iluminados — Cidade industrial — Noite — Do outro lado da platéa, uma divisão naval — Sinais — Foguetes de guerra — Holofotes.



CENA I

Lord Capone e Mister Byron

MISTER BYRON — Save our souls!

LORD CAPONE — Save our ships!

MISTER BYRON — Me tirem d'aqui!

LORD CAPONE — Ah! Minhas metralhadoras de Chicago!

UMA VOZ (*de um comicio no caes*) — Camaradas! A burguezia subestima a nossa capacidade de viver. Somos uma classe que nasceu sob o chicote dos horários capitalistas. Sabemos trabalhar! Saberemos comer!

OUTRA VOZ — Abordae a barca podre de São Pedro que submerge e faz agua! Desmantelae a velha sociedade!

LORD CAPONE — Save our souls!

MISTER BYRON — Save our ships!

(Tumulto no caes).

VOZES DO CAES — Abaixo a ordem burgueza!
Abaixo! Viva o poder proletario!

CENA II

Os mesmos, Pedro, Icar

SÃO PEDRO — Onde está Sobieski? João Sobieski!
Uma muralha contra a barbarie! Vamos erguer as
barricadas da civilização. Quem viu Sobieski!

LORD CAPONE e MISTER BYRON — Ninguem.
ICAR — Quero ir á missa. Neste paiz não ha mais
egrejas. Eu quero rezar. Me regenerar.

SÃO PEDRO — Deixa de besteira. E' preciso agir.
Estou sendo desacatado. Esta noite, me fizeram le-
vantar. Chamaram-me ao telefone. A's 2 horas da
madrugada. Sabe para que? Para me mandar á
merda. Eu, São Pedro!

LORD CAPONE e MISTER BYRON — Foram os
bolchevistas!

ICAR — Teni um homem fazendo discurso no cães!

SÃO PEDRO — Ah! E' o Soldado Vermelho de John
Reed! Estamos perdidos!

A VOZ DO SOLDADO-VERMELHO — Eu não que-
ro saber de filosofia nem de arte. O que eu sei é
que ha duas classes — opressores e oprimidos! Bur-
gueses e proletarios!

SÃO PEDRO (*tomando do seu alto falante e dirigindo-
se ás massas*) — Vocês não estão preparados para
tomar o poder. Pleitearei novas reformas sociaes!

VOZES DO CAES — Tapeação! Conhecemos o jogo
desesperado da burguezia!

A VOZ DO SOLDADO-VERMELHO — Para comer
e trepar todos os homens estão preparados!

(*Ouvem-se disparos de canhão. Do fun-
do da platéa bombardeiam*).

SÃO PEDRO — A revolução atingiu os fortes. Mas ainda estamos senhores da situação. Porque ainda possuímos a magia e um dancing. Cleopatra não abandonou o seu posto no primeiro andar. Coragem! Saulo, inspira-me! Sem misterio não se arranja nada! Sem magia! Sem tapeação! Saulo que falta me fazes! Tu que entendias de gnose e de guerra!

MISTER BYRON — Saulo!

LORD CAPONE — Saulo!

ICAR — Ninguem responde. Só os canhões é que falam...

MISTER BYRON -- Faze uma magica, Simão Pedro!

LORD CAPONE — Vamos rezar uma ladainha.

ICAR — O melhor é a gente se confessar!

SÃO PEDRO (*num extase, trepado num salva-vidas*) —
Como as vagas da multidão se elevam.

Dementes, furiosas
Não ha salvação
Só uma!
Uma só!

MISTER BYRON e LORD CAPONE — Só uma!

ICAR — uma só!

SÃO PEDRO — Contra a ventania das massas!

Dementes, furiosas
Não ha salvação
Só uma!
Uma só!

MISTER BYRON, LORD CAPONE e ICAR — Só
uma! Uma só!

SÃO PEDRO — Cristo caminha sobre o mar!
MISTER BYRON e LORD CAPONE — Cristo caminha sobre o mar!
ICAR — E' a epopeia da navegação!
SÃO PEDRO — As estrelas cairam. O sol escureceu.
A lua espatifou o leme da minha barca! Não ha salvação
Sinão na estrela matutina.
Cristo, por favor, aparece sobre o mar!
MISTER BYRON e LORD CAPONE — Cristo, aparece sobre o mar!
ICAR (*assestando um oculo de alcance*) — Lá vem um deslizador!
SÃO PEDRO (*atira-se na direção da amurada*)¹ — E' ele! Vem de idroplano!
MISTER BYRON — Não é! É o infante Dom Henrique!
ICAR — Traz uma bandeira vermelha!
SÃO PEDRO — La gran puta que los parió! A aviação naval nos traiu!
LORD CAPONE — Cristo não aparece sobre o mar.
SÃO PEDRO — Sobieski! Onde estás Sobieski?

(*Sereias uivam. Na cidade acende-se um cartaz luminoso onde se lê: "Proletarios de todo o mundo uni-vos". Holofotes. Estrondos. Bombas aereas*).

LORD CAPONE — Mãe!
MISTER BYRON — Mãe! Doce mãe!
SÃO PEDRO — O poeta soldado roubou os meus raios.
Centurião romano, me ajuda!
LORD CAPONE — Papae Noel!

MISTER BYRON — Mefistofeles!

LORD CAPONE — Socorro! Alan-Kardec, me tira daqui!

MISTER BYRON — Eu sou socialista! Eu adiro!

LORD CAPONE — Fiol dun can!

ICAR — Eu sou proletario! Fui assassinado por um fascista.

SÃO PEDRO (*reanimando-se*) — Vocês estão desmoralizando o mar! Coragem! *Débout les rats!* Galvanizemo-nos! Somos a erança de Roma! O Vaticano sucessor do Imperio! É preciso salvar a civilização mesmo que a humanidade pereça.

LORD CAPONE — Sempre foi o meu ponto de vista.

MISTER BYRON — Viva a Civilização e morra a humanidade!

ICAR — Viva e morra!

MISTER BYRON — Viva a lança!

LORD CAPONE — Viva o casse-tête!

ICAR — Viva o cajú-purgativo!

SÃO PEDRO — Viva a Fome!

ICAR — Viva V. Excia., o papa!

SÃO PEDRO — Obrigado meus filhos! Agradeço a vossa solidariedade! Vamos dar uma lição a esses frenéticos!

VOZES DO CAES — Todo poder aos soviés! Viva o proletariado em armas!

LORD CAPONE — Ah! minhas metralhadoras de Chicago! Que raiva! Eu só posso cuspir!

CENA III

Os mesmos, Cleopatra, o Mestre que se tornou o Tigre do Mar Negro, o Soldado Vermelho de John Reed, marinheiros terríveis, povo.

(*Tumulto enorme invade a barca*)

ICAR — Socorro, Almirante! O dancing parou. Cleopatra vem ai fugindo, cercada duma sucia de marinheiros que querem desacatal-a!

(*Cleopatra aparece, cercada de marujos ferozes e de povo. Uma cobra enleada no corpo. Atira-se para São Pedro*).

SÃO PEDRO (*defendendo-a*) — Para traz, infieis! É uma rainha!

MISTER BYRON — Viva a Rainha Vitoria! (*então com Lord Capone o "God save the gracious Queen"! acompanhado pela orquestra do dancing*).

CLEOPATRA (*banhada em lagrimas*) — Senhor! Senhor! Perdoae a minha timidez.

SÃO PEDRO — Irei onde fores! Meu destino está preso ás tuas galeras!

CLEOPATRA — Perdoa a minha fraqueza! Sou mulher!

SÃO PEDRO — És rainha!

O MESTRE (*aparecendo ao fundo e falando aos marinheiros*) — Escutae a palavra dos vossos condutores. É preciso atiçar as faiscas da luta de classes! É preciso fazer sair da indignação popular um imenso incendio! É preciso levantar os trabalhadores contra a infamia e a desgraça do mundo capitalista. O imperialismo pro-

cura resolver as suas contradições pelo fogo e pelo ferro! Trabalhadores do mundo, soldados e marinheiros! Levantae-vos e lutaes contra a guerra! Guerra á guerra imperialista! Refleti sobre as privações, a miseria, as creanças esfaimadas, as montanhas de cadaveres, os mutilados e os orfãos que a guerra exige! Levae as amplas massas o vosso grito de rebelião!

O SOLDADO VERMELHO DE JOHN REED — Camaradas! Levantae-vos contra os incendiarios da guerra! Resisti á tortura com que a burguezia ensanguenta as nossas organizações e as nossas casas. Resisti ao terror branco. Lembrei-vos do que Lenine dizia: As classes condenadas pela historia agem sempre assim! Proletarios de todo o mundo, uni-vos!

O MESTRE — Marinheiros da velha Barca podre de São Pedro, levantae-vos! Levae o espirito de rebelião ao fundo das fornalhas, onde torraes as vossas veias para dar conforto aos ricos! Quebrae as vossas cadeias seculares.

(*O tumulto redobra*)

Galés da velha sociedade capitalista, uni-vos! Marinheiros e soldados atirae contra os vossos oficiaes!

(*Ouvem-se as primeiras estrofes da Internacional entoadas pelo povo*).

LORD CAPONE — Socorro!

MISTER BYRON — Me tira daqui!

LORD CAPONE — Abram esta gaiola! Darei tresentos mil dolars ganhos com o meu trabalho!

MISTER BYRON — Cristo!

LORD CAPONE — Jesus!

SÃO PEDRO: (*a Icar*) — Cava um salva-vidas para ela! Vamos cair n'agua!

CLEOPATRA (*faz-se picar pela cobra*) — Este é o
meu salva-vidas! (*cae ao solo*)
SÃO PEDRO — Socorro! Uma injeção anti-ofídica!

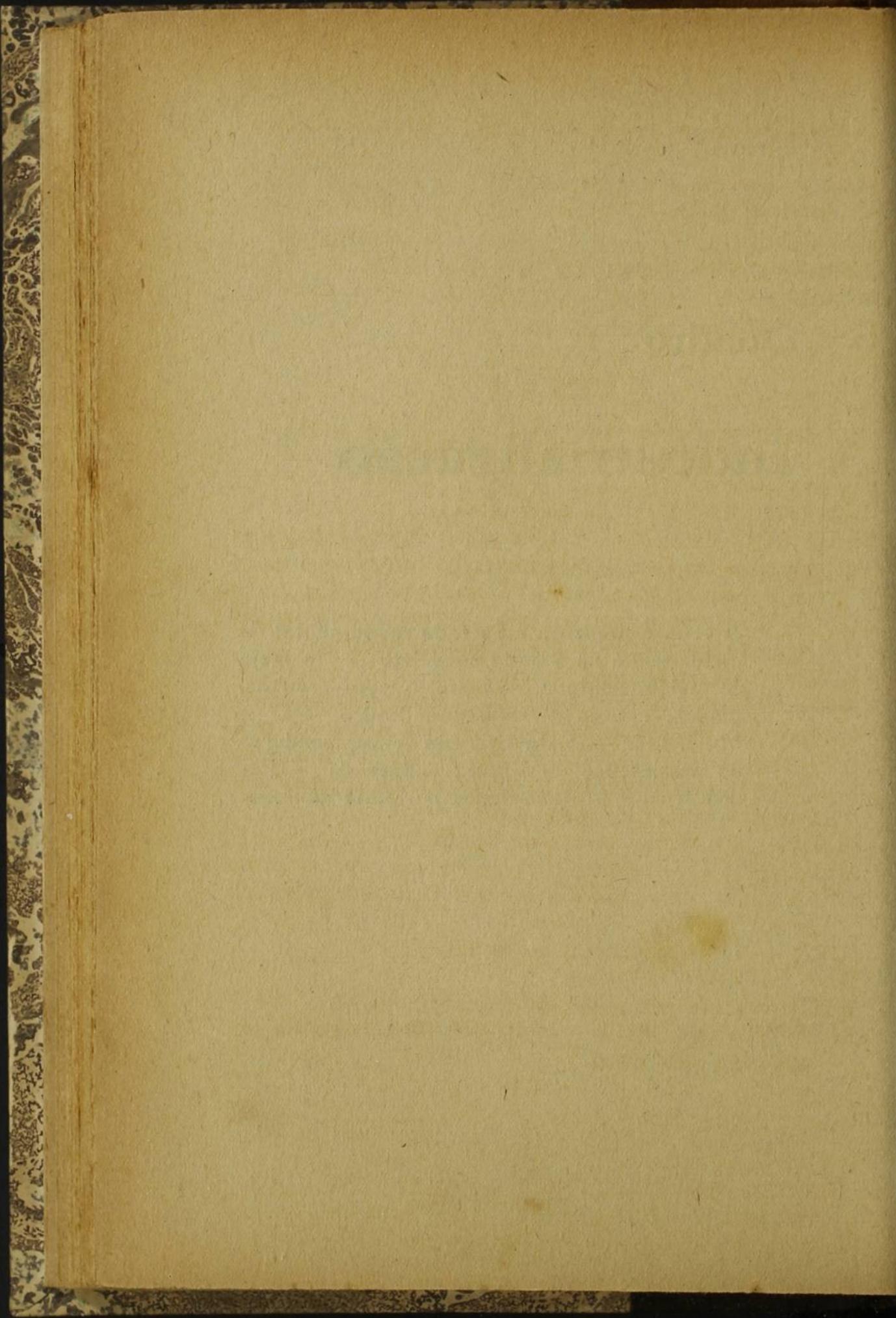
(*O tumulto cresce. Os marinheiros avançam para São Pedro que procura defender o corpo de Cleopatra. A International toma conta da Barca e do Mundo*)

PANO

6.^o Quadro

A Industrialização

A cena representa a entrada monumental da maior usina do mundo socialista — No meio do palco, sentado no asfalto com trouxas, trapos, cruzes e saudades, Pedro, Icar e Mme. Icár — Esta traz um femur pendurado no pescoço — Viuvez exagerada — Pedro trocou o alto-falante por uma sanfona.



CENA I

Icár, Mme. Icár e Pedro

MME. ICAR — São os homens novos...

SÃO PEDRO — Eles suprimiram o futuro e todas as ameaças do futuro. Suprimiram o inferno e o céo e se instalaram no presente! A vida deles sobre a terra deixou de ser um combate continuo e os seus dias não são mais como os dias de um mercenario.

ICAR — Maldição! Raca! Raca!

MME. ICAR — Como o escravo suspira pela sombra e pelo fim de seu labor, contei muitas noites vasias á espera de um marido exemplar que partira para conquistar a estratosfera. Vocês vieram dizendo ambos que eram ele. Nada mudou.

ICAR — Esperamos pela volta de NEP.

MME. ICAR — Quem nos concederá sermos como outr'ora, como nos dias em que Deus nos tinha sob a sua guarda...

ICAR — Deus habitava o nosso lar!

SÃO PEDRO — O nosso!

ICAR — Eu lavava os pés em manteiga.

SÃO PEDRO — Eu era os olhos do cégo... Agora sou um cégo sem olhos.

ICAR — Eu era a perna do manco. Agora não tenho pernas.

MME. ICAR — Eu tinha um marido e um lar.

SÃO PEDRO e ICAR — Agora tem dois maridos e nenhum lar!

ICAR — Eu costumava dizer: Hei de morrer no meu ninho. Estou agonizando na rua!

CENA II

Mais a Voz de Stalin, operarios, operarias

(*Um alto-falante anuncia a irradiação do mundo socialista*).

O ALTO-FALANTE — Escutae! A hora da industrialização.

MME. ICAR — Começam as blasfemias!

O ALTO FALANTE — É a voz de Stalin! Escutae.

SÃO PEDRO — Vamos ouvir. Já que o ouvido é o único sentido que nos resta.

A VOZ DE STALIN — O Socialismo é o poder dos Soviets mais a eletrificação. Eis o testamento de Lénine. Novas cidades saíram dos desertos, das steppes, das planícies. Do século da madeira passamos ao século do motor e o do aço. A economia agrícola repousa agora sobre a base técnica da grande produção moderna.

(Silencio).

MME. ICAR — O homem, mesmo quando possua uma ciencia consumada, pode por acaso se comparar a Deus?

SÃO PEDRO — O que nasceu da mulher pôde por acaso ser puro e perfeito?

ICAR — A esperança dos impios perecerá. É a sorte dos que esquecem Deus.

SÃO PEDRO — Eles serão forçados a condenar a sua propria loucura. A sua confiança é como uma teia de aranha nas mãos do Senhor! Eles se apoiarão sobre a sua obra e ela não terá consistencia. Eles quererão mantel-a e ela não subsistirá!

(*Turmas alegres de operarios, operarias penetram na usina onde as maquinas não param. Outras turmas felizes saem para o descanso*).

A VOZ DE STALIN — Passar do cavalo campones ao cavalo da industria construtora de machinas, eis o plano central do poder Sovietico,. Escutae a metáfora leninista. Passar de uma alimaria a outra. Da alimaria do campo, do cavalinho que convem a um paiz arruinado de camponezes ao cavalo que o proletariado procura e deve procurar, o cavalo da industria, o cavalo vapor.

(*Silencio*).

SÃO PEDRO — Deus quando quer perder os homens, tira-lhes a razão.

A VOZ DE STALIN — Edificaem um novo mundo... Sobre as fabricas entregues ao trabalhador surgiu o entusiasmo da nova sociedade. É o patos da construção!

SÃO PEDRO — Loucos!

ICAR — Sonhadores!

A VOZ DE STALIN — É preciso sonhar! Quem vos falava assim era o camarada Lenine. Ele ensinou que o vosso sonho deve sobrepujar o curso natural dos acontecimentos. Sonhar não vos faz nenhum mal. O sonho sustenta e anima. O desacordo entre o sonho e a realidade nada tem de perigoso se quem sonha crê seriamente em seu sonho, se trabalha conscientemente para a realização de seu sonho. Quando há contáto entre o sonho e a vida tudo vai bem.

MME. ICAR — O tal de Lenine!

SÃO PEDRO — Para nós nem o sonho é permitido.

ICAR — Vivemos do passado.

MME. ICAR — E de Deus.

ICAR — Quando me deito pergunto que irei fazer quando me levantar. Quando me levanto indago que irei fazer até à noite.

MME. ICAR — Deus não nos escuta.

SÃO PEDRO — Somos o fim de um mundo.

A VOZ DE STALIN — Não tínhamos industria siderúrgica, agora temos! Não tínhamos industria mecânica, agora temos! Não tínhamos industria de tratores, agora temos! Não tínhamos industria de automóveis, agora temos! Não tínhamos industria química, agora temos! Não tínhamos máquinas agrícolas, agora temos! Não tínhamos liberdade, agora temos!

CENA III

Menos a Voz de Stalin

SÃO PEDRO — A liberdade de pecar.

ICAR — E de ofender a Deus,

MME. ICAR (*ironica*) — A sabedoria morrerá com eles.

SÃO PEDRO — Ignoram que é a mão de Deus que faz todas as coisas. Interrogae os animaes eles vos instruirão! Consultae os passaros do céo e os peixes do mar eles vos revelarão. Falai á terra, ela vos responderá!

CENA IV

Os mesmos, a voz de Eisenstein

(*O alto-falante reenceta a irradiação*).

O ALTO-FALANTE — Escutae! É a voz do camarada Eisenstein.

MME. ICAR — Outro!

SÃO PEDRO — E' o homem do cinema.

ICAR — Escutemos.

A VOZ DE EISENSTEIN — Eu vos apresento os documentos da transformação do mundo. A vitoria encarniçada do proletariado na frente camponesa, na frente industrial. Nem bandeiras ao vento nem gritos nem canhões! Mas as cargas da cavalaria-vapor, na construção do socialismo! Interrogae a terra. Concursos de galinhas poedeiras, estabulos calidos, o trabalho quotidiano na neve primaveril ou no calor do verão! O esterco fertilizante, os rebanhos, as maquinas agricolas, tudo escripturado aumentando as estatísticas. Nem o incendio da revolta nem a grande luta revolucionaria. Mas depois da luta e da vitoria, a vida quotidiana dos que trabalham e constroem um mundo melhor. A contabilidade, as usinas leiteiras, as grandes creações de aves, as incubadeiras. Nem

amor da patria nem Deus, nem a ipocrisia honesta. Mas os rebanhos que se organizam, os mapas da seleção de sementes, os diagramas do progresso. O trabalho diario e anonimo com o touro reproduutor e com o arado mecanico. É a frente pacifica que faz esquecer a frente de guerra. A historia dos pioneiros da revolução agricola. A floresta cárne e responde. Edificamos. Na nossa gota de agua se reflete o horizonte infinito da nova éra social. Estações experimentaes. Fazendas modelos. Laboratorios, escolas. O operario estudante, o camponez estudante. A reprodução consciente e selecionada das especies animaes. O fim da magia. O trator. Inaugura-se por toda a terra coletivizada a época do vapor e da eletricidade. O patetico da desnatadeira coletiva. Da desnatadeira ao reproduutor. Deste ao arado mecanico a 10 a 100, a milhares de arados mecanicos. Fazemos a Industrialização.

(*Silencio*).

CENA V

Menos a voz de Eisenstein

SÃO PEDRO — Que vale tudo isso sem Deus?

ICAR — Só nos resta a esperança da NEP e a saudade do capitalismo.

MME. ICAR — E esta meia garrafa de vodka.

SÃO PEDRO — É um mundo que começa.

ICAR — É Deus que acaba.

MME. ICAR — Blásfemos!

ICAR — Pedro, toque alguma coisa nesse realejo.

MME. ICAR — Para recordar. Recordar é viver!

ICAR — Para nos distrair.

SÃO PEDRO (*levantando-se*) — Vamos rezar pela
Santa Mãe Russia (*toma a sanfona*) — Lá vae a
Ave Maria de Schubert!

(*A musica velha cambalhoteia... As se-
reias da Usina abafam o solfejo inutil do
passado*).

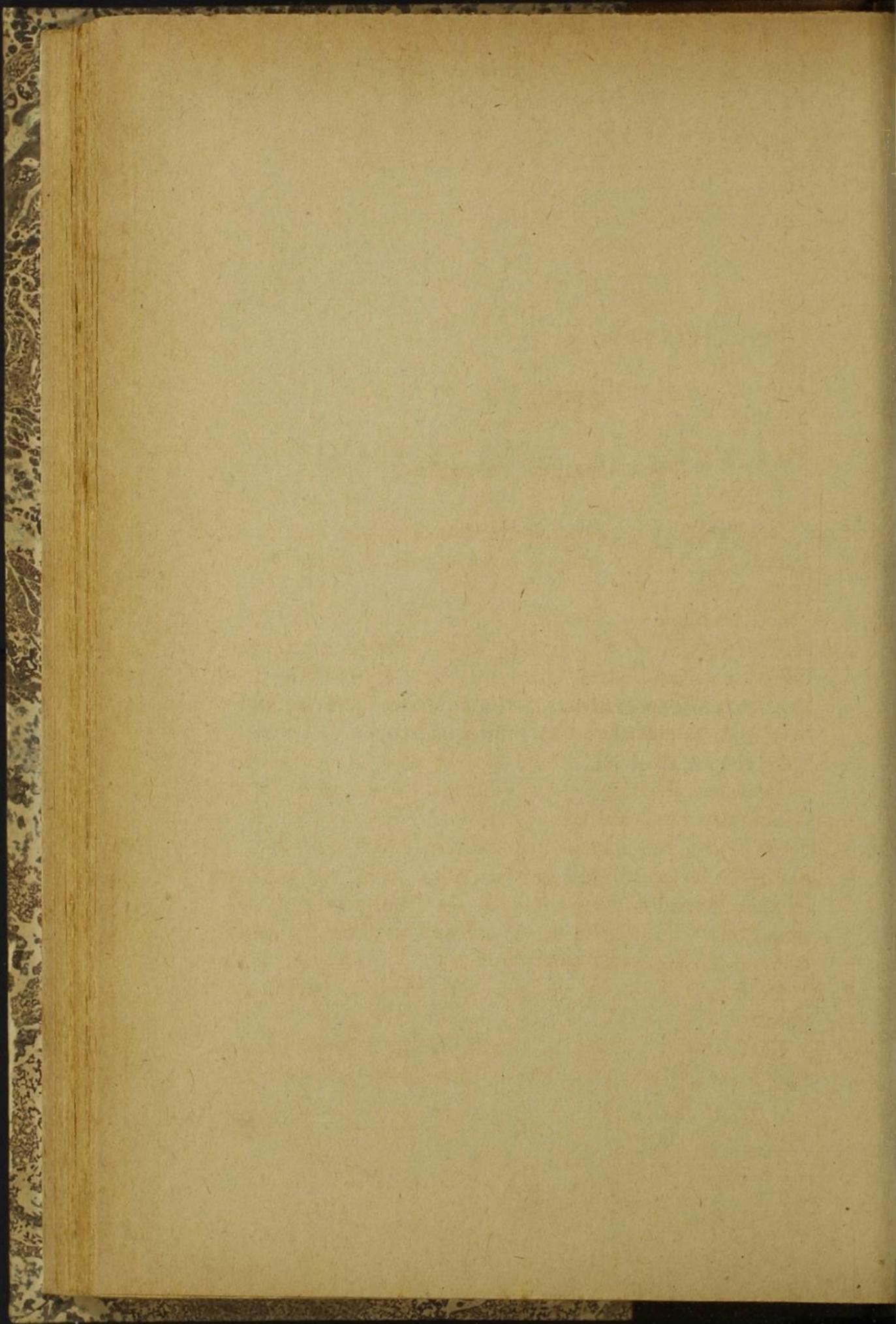
PANO



7.^o Quadro

A verdade na boca das creanças

A cena representa o hall de uma creche no
paiz socialista — Brinquedos atuaes — Cava-
los mecanicos.



CENA I

Tres creanças sovieticas

A 1.^a CREANÇA — Antigamente havia cavalos nas ruas. Puxavam carros e arados nos campos. A gente montava neles.

A 2.^a CREANÇA — Mentira!

A 1.^a CREANÇA — Havia sim. Eu li. Até os burguezes creavam cavalos para fazer um jogo nos dias de festa. Os cavalos corriam e quem ganhava tinha um prêmio que naturalmente ia para o dono.

A 3.^a CREANÇA — Os donos dos cavalos eram imbecis enfatuados. Reuniam-se em clubes torpes para jogar o dinheiro roubado aos operarios.

A 2.^a CREANÇA — Que fim tiveram eles?

A 1.^a CREANÇA — Foram fuzilados com os outros exploradores do povo. Depois de fazel-o suar a semana inteira, induzia-no a colocar tambem os seus salarios no jogo das corridas...

A 2.^a CREANÇA — É verdade que havia o cavalo de guerra?

A 3.^a CREANÇA — Havia sim. Quando a humanidade não estava ainda evoluída e dividia-se em estados

nacionaes, fazia-se a guerra. Durante muitos seculos, os cavalos foram utilizados nas batalhas.

A 1.^a CREANÇA — Coitados!

A 3.^a CREANÇA — Eram conduzidos para a carnifina com os soldados, afim de defender os interesses dos ricos e dos proprietarios!

A 2.^a CREANÇA — Proprietarios? Que negocio é esse?

A 1.^a CREANÇA — Foram os homens que se apossaram da terra pela força, pelo ludibrio ou pela herança, para fazer os despojados trabalharem para eles!

A 2.^a CREANÇA — Mas o sólo não era de todos?

A 3.^a CREANÇA — Não era não. Nem as maquinas. E os burguezes lutaram seculos para que esse regimem continuasse. Quando as crises apertavam, promoviam guerras patrioticas afim de massacrар o povo. Os filhos dos ricos não iam para as trincheiras. As familias dos trabalhadores e dos pobres, transformadas em familias de soldados, perdiham os seus chefes e filhos. Os resultados das guerras eram distribuidos entre os ricos. Os soldados que voltavam cegos, mutilados ou sem emprego, eram abandonados pelos seus sinistros emprezarios e acabavam mendigando nas pontes e nas portas das egrejas...

A 2.^a CREANÇA — Igreja?

A 3.^a CREANÇA — Sim, igrejas, bobinha! Não vê que para manter a exploração das massas que trabalhavam, os exploradores de acordo com piratas que se chamavam sacerdotes, inventavam que havia um sér supremo e terrivel que enchia a pança dos ricos na terra e para os pobres reservava o céo...

A 1.^a CREANÇA — Conseguiam prometendo illusões e castigos, que o povo não se revoltasse contra a miseria que lhe impunham as classes ricas...

A 2.^a CREANÇA — Mas o povo se revoltou...

- A 1.^a CREANÇA — Ora. ¡Decerto. A teoria de Marx penetrou nas massas e se tornou força social. Os ricos e politiqueiros que ficaram vivos e não quizeram trabalhar comnosco, envelheceram hoje onradamente esmolando nas portas das uzinas socialistas...
- A 3.^a CREANÇA — Era um mundo pavoroso. A mulher também foi escrava. Exercia-se sobre ela até o direito de morte. Isso deixou de figurar nas leis, mas a justiça de classe sempre estava à disposição dos ricos e dos maridos corneados...
- A 1.^a CREANÇA — Defendiam a herança. Por isso se batiam pela monogamia que se apoiava nas duas muletas do regimem — a prostituição e o adulterio...
- A 3.^a CREANÇA — O nosso Engels disse uma coisa estupenda a propósito do começo da monogamia, e da escravidão da mulher, que foram o apanágio da propriedade privada...
- A 2.^a CREANÇA — O que foi que Engels disse?
- A 1.^a CREANÇA — Eu sei. O homem venceu a mulher e ela coroou a cabeça do vencedor!
- A 3.^a CREANÇA — Era o mundo do cavalo de guerra, do cavalo de corrida, do cavalo camponez e do "cavalo" — doença!
- A 2.^a CREANÇ — Hoje não há nada mais disso.
- A 1.^a CREANÇA — Nasceremos no mundo do cavalo vapor. A socialização e a paz.
- A 2.^a CREANÇA — Custou muito a passagem de um mundo para o outro?
- A 3.^a CREANÇA — O sacrifício de milhões de vidas. Os trabalhadores conquistaram o poder palmo a palmo, paiz por paiz. A maior parte dos que iniciaram a luta não chegaram ao fim della. Mas deixaram um mundo novo para nós e para os seus filhos !

CENA II

Os mesmos, o 'Medico, Mme. Icar, Pedro, Icar

O MEDICO — Façam o favor de passar. Só faltam examinar estas tres creanças. Vejam se algumas delas ou todas são os seus filhos desaparecidos...

MME. ICAR (*examinando atentamente as creanças*) — Não reconheço á primeira vista. Dá licença que converse com eles?

O MEDICO — À vontade!

MME. ICAR — Minhas creanças! Vocês não se lembram que tinham uma familia?

A 1.^a CREANÇA — Nossa familia é a sociedade socialista.

A 3.^a CREANÇA — Eu tive uma familia que vivia no conforto, mas minha casa era um inferno. Meus paes brigavam todos os dias, se detestavam e se traiam. Eu mesmo era filha dum amigo da casa. Mas meu pae ou antes o marido de minha mãe não fazia escandalo por causa da posição social que occupava...

A 1.^a CREANÇA — A minha situação era um pouco diferente. Era filha do patrão com a criada da casa, a mesma casa dela...

A 3.^a CREANÇA — Sim, somos irmãs! Eu estava destinada a receber a erança do pae dela. E ela a trabalhar para mim a vida inteira, por ser o que eles chamavam de "filha legitima". No entanto ela é que era a filha dele!

O MEDICO — Um quadro da sociedade burgueza. A erança dividia as classes. A paternidade era assegurada pelo casamento monogamico. Para haver explo-

radores e explorados. E chamavam a isso defender a honra!

MME. ICAR — Nada te faltava no entanto!

A 3.^a CREANÇA — Faltava tudo porque faltava a paz e a verdade!

MME. ICAR — Mas davam-te educação?

A 3.^a CREANÇA — Uma educação mentirosa e errada. Enganavam-me que existia Deus. O meu pae oficial era o mais desonesto e ambicioso dos homens. Rouava lá fóra, garantido pelas leis burguezas e roubava em casa o salario das empregadas que seduzia. Deus perdoava-o e protegia-o porque ele dava dinheiro aos padres.

MME. ICAR — Perdeste a religião bem cedo.

A 3.^a CREANÇA — Na escola sovietica mostraram-me qual é o papel de todas as religiões. Narcotico do povo para fazel-o esquecer a propria miseria. Para ensinal-o a não se revoltar contra os seus exploradores iludindo-o com a vida futura que não existe.

MME. ICAR — Mas teus paes procuraram incutir-te bons sentimentos...

A 3.^a CREANÇA — Sentimentos os mais torpes, os mais falsos! O da caridade que manda restituir aos desgraçados uma migalha de que eles nos dão no trabalho diario. Só para que eles não se revoltam e exijam o que é deles. O amor sentimental, complicado, masoquista e absurdo. Todos os recalques catalogados pelo professor Freud. A falsa virtude, a ipocrisia, a libidinagem...

MME. ICAR — Isso são pecados...

A 1.^a CREANÇA — Pecados que o Deus dos ricos perdoa facilmente. E que só os pobres não podiam ter no vosso mundo... (*Mme. Icar chora nos braços de São Pedro*).

ICAR — Meninas, ha mais coisas no céo e na terra do que sonha a vossa vã filosofia! Se a natureza vive ainda em vós, respeitae essa pobre mãe!

A 1.^a CREANÇA — Ela talvez seja um fantasma honesto. Nós é que não poderemos segui-la porque não temos nenhuma vontade de nos divertir com almas d'outro mundo!

A 3.^a CREANÇA — Matamos a inquietação e o misterio e somos felizes!

A 2.^a CREANÇA (*ao medico*) — Quem são esses velhotes?

O MEDICO — São o mundo antigo. O mundo que destruimos para dar a vocês livre respiração social.

A 3.^a CREANÇA — O que é que eles querem?

O MEDICO — Jogaram na loteria Nobel e andam á procura do premio.

A 1.^a CREANÇA — Ela é casada?

O MEDICO — É viúva de guerra. Como espera receber dinheiro, apresentaram-se esses dois malandros dizendo ambos que eram o marido morto. Alegam ter perdido a memoria nos embates da guerra. São desmemoriados para fins de herança.

A 3.^a CREANÇA — Ela ficou com quem?

O MEDICO — Arranjou uma bigamiazinha tipo capitalista. Entendem-se.

SÃO PEDRO (*intervindo*) — Senhor medico! Admiti nossa ignorancia. Vimos de um paiz longinquo e passadista. As vossas organizações nos espantam... Queiramos conhecer o que se passa em vosso mundo...

O MEDICO — Tenho o maior prazer em informá-los.

SÃO PEDRO — Estas crianças não tem mais família?

A 3.^a CREANÇA — Temos uma família melhor. A família socialista.

O MEDICO — Vejo que o caro barão desconhece completamente a istoria humana. Parece um professor de Direito de 1933. A familia é uma instituição que mudou a cada fase nova da sociedade. Para os senhores naturalmente, a familia só podia ser a familia coroada de tipo germano-cristão...

A 2.^a CREANÇA — Destinada só a defender a herança e a divisão de classes...

A 3.^a CREANÇA — Regimem de mentira domestica.

A 1.^a CREANÇA — E de corrupção social!

SÃO PEDRO — Eu desejava somente saber quaes os resultados dessa transformação, desse milagre...

O MEDICO — Não foi milagre. Nada é misterioso na aplicação pratica da ciencia social. Não temos mais as desigualdades e as infamias produzida spela herança burgueza. Eliminamos com isso 90 % das tragedias sociaes. Não temos mais adulterio. Não temos prostituição; Eliminamos as nevroses, os assassinatos, as depravações que eram apanagio da burguezia. A sifilis desapareceu, a loucura se extinguiu. Fechamos as cadeias. Possuimos 2.000 maternidades gratuitas. Temos 10.000 creches. Colocadas ao lado das fabricas, dos laboratorios, das universidades. Suprimimos a contradição e as lutas entre o campo e a cida-de. Matamos o monstro empolado do urbanismo. Liquidamos o desemprego.

SÃO PEDRO (*cetico*) — Desejava conhecer algumas estatísticas...

O MEDICO — Perfeitamente. A linguagem das cifras é a que mais nos interessa. A construção do socialismo apresenta um consideravel melhoramento moral, educacional e sobretudo material das massas operarias e kolkolsianas. A mortalidade baixou a 1/3 da cifra antiga. O aumento da população passa já de 5 por

1.000. O numero de postos medicos, de creches e de leitos aumenta ano a ano. A melhoria sanitaria é notavel nas empresas socialistas gigantes e nas regiões nacionaes. Onde havia 60 leitos existem agora 2.525. Noutro que tinha 1.318 ha atualmente 16.403. Este ano houve 400 milhões de visitas aos dispensarios do Estado. Todas as requisições de medicamentos foram satisfeitas. Estiveram nos balenarios, nos sanatorios e nas estações de cura 700.000 trabalhadores. Temos 85.000 medicos servindo o povo. Antigamente havia só 19.000 a soldo das classes ricas. O numero de lugares nas creches industriaes e da zona rural vae ser elevado a 830.000. Temos já 230 hospitaes rurales e 329 dispensarios. O numero de leitos nas creches de verão dos kolkoses atingiu a dois milhões. Vae ser aumentado de 34 % o numero de medicos para creanças e adolescentes. As cosinhas lateas coletivas aumentaram duas vezes e meia.

(*Uma campainha retine*).

É o dia da inspecção sanitaria das creanças... Não são esses os vossos filhos?

(*Silencio*).

MME. ICAR — Talvez sejam... Estão irreconheciveis!
A 1.^a CREANÇA — Somos os filhos concientes de um mundo novo.

A 3.^a CREANÇA — Não podemos gostar de fantasmas.

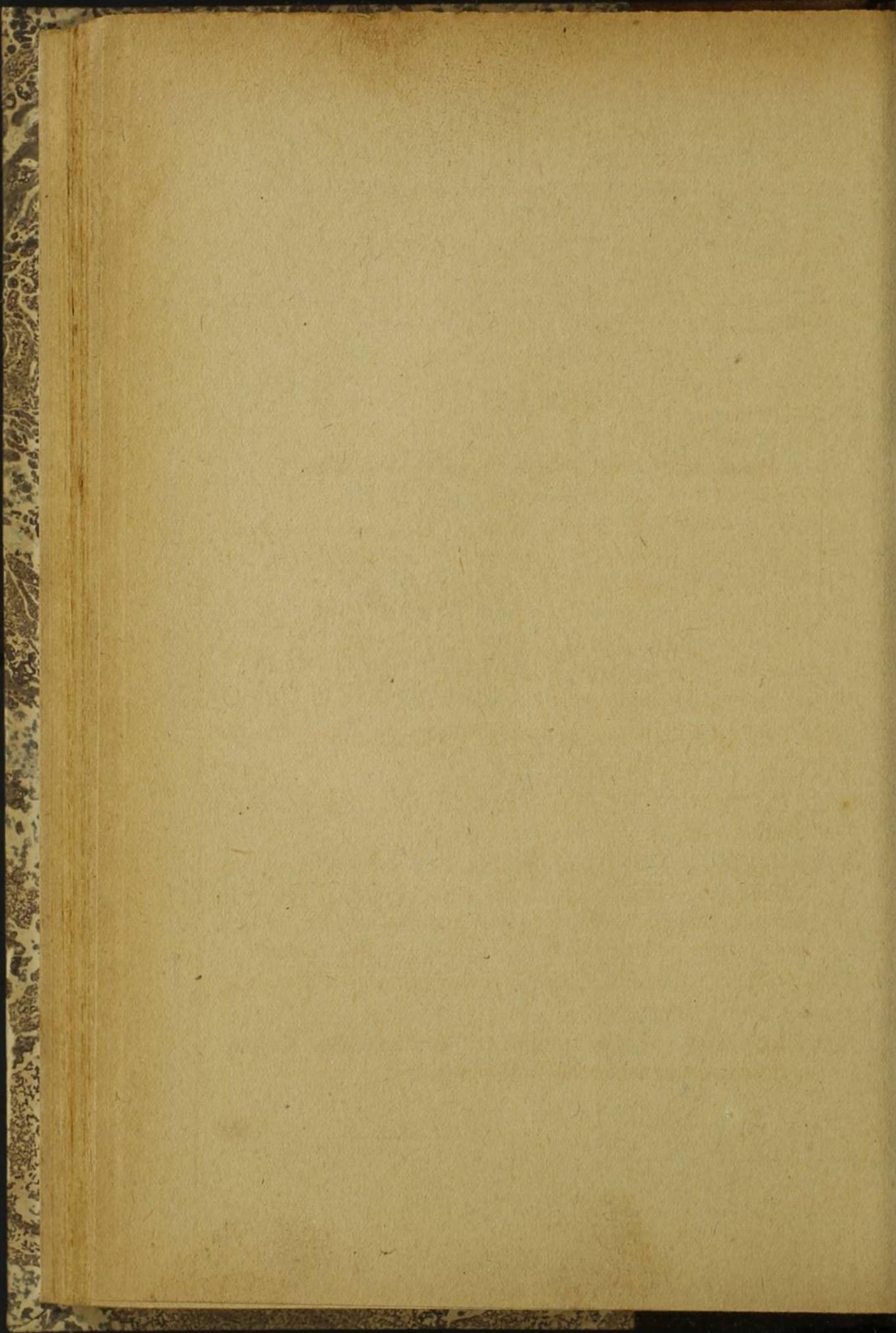
(*Icar e São Pedro reconduzem Mme. Icar soluçante*).

PANO

8.^o Quadro

O Tribunal

A cena representa a sala do ex-premio Nobel, erigida em Tribunal Revolucionario — Ao fundo, grande porta abrindo sobre a paisagem classica do Golgota, com duas cruzes somente.



CENA I

Mme. Icar, São Pedro, Icar, a Veronica

(Ao fundo soldados romanos, mulheres, apostolos, escravos — a multidão que esteve na casa de Pilatos.

A Veronica está secando algumas fotografias de grande formato).

SÃO PEDRO — Eu acho que conheço a senhora...

A VERONICA — Conhece sim...

SÃO PEDRO — Não me lembro donde. Sou um desmemoriado.

A VERONICA — Eu me lembro. Foi naquele frege do Calvario ha vinte seculos (*volta para frente a fotografia que tem nas mãos e onde aparece Adolf Hitler crucificado na Swastika*). O senhor era dos nossos...

SÃO PEDRO (reconhecendo a photographia) — Mas esse é Cristo! Cristo rei!

A VERONICA — Perfeitamente! O chanceller Cristo, a ultima encarnação do anti-semitismo.

CENA II

Os mesmos, Madalena

MADALENA — É aqui que vae ser feito o julgamento do filho de David!

A VERONICA — Qual deles?

MADALENA — Esse que está aí nesse retrato.

A VERONICA — Ah! O ultimo Deus ariano!

MADALENA — Eu sou testemunha.

SÃO PEDRO (*levantando-se*) — Madalena! Minha querida filha!

MADALENA — Quem é o senhor?

SÃO PEDRO — Eu sou o velho Pedro.

MADALENA — O pescador de Genesaré?

A VERONICA — Estamos todos juntos de novo. Eu, com as photographias, você com os perfumes...

MADALENA — Você continua a me fazer concorrença, Veronica!

A VERONICA — Absolutamente! Estou aqui em funções administrativas. Estou preparando a carteira de identidade dos acusados que devem comparecer hoje perante o Tribunal Vermelho.

MADALENA — Você matou a arte na Judéa.

A VERONICA — Fui apenas a precursora da industria do retrato.

MADALENA — Continúa estragando a verdadeira arte. Nem a Renascença poude com você. Aliou-se aos padres para inundar o mundo de santinhos sofredores!

A VERONICA — Hoje. Dedico-me ao cinema...

MADALENA — Assisti. O Rei dos Reis. Bôa droga!

A VERONICA — Engano. Estou a serviço do cinema de Estado. Evolui. Sou o progresso em pessoa.

MADALENA — Pois eu continuo a ser a arte *pela* arte.

A VERONICA — Ainda é modelo de atelier?

MADALENA — Como na Judéa. Se você não aparecesse, teríamos uma arte nativa semita que fortificaria a unidade sentimental da Diáspora. Isso talvez produzisse as maiores consequências políticas. Um povo disperso e sem arte dá nisso...

SÃO PEDRO — Madalena, te desconheço. Você parece uma deputada de classe!

MADALENA — Claro! Eu surgi para vocês como uma prostituta analfabeta do século primeiro. Aquilo tudo era fita. Como fita foi a Paixão, a Cruz, a Resurreição e o resto... Nós mantínhamos a luta tenaz contra o Imperialismo Romano... A luta idealista!

SÃO PEDRO — As cantigas sobre a sua rua! Gostavamos tanto!

A VERONICA — Você recitava uma poesia futurista que o Rabi adorava...

SÃO PEDRO — Recite para recordarmos. Recordar é viver!

MADALENA (*recitando*): —

Minha rua
Minha rua em Madala
Cheia de meretrizes
Roidas de doença
Inundadas de perfume
Mortas de fome
Ninguém vive na minha rua
Por querer
Nem eu
Nem as outras infelizes
Os fariseus frequentam
A minha rua
Estreita
Cheirando incenso e esperma

Os homens da lei passam por ela
Eles sabem que o trabalho honrado
Não rende
A mulher e a filha do pobre
Só arranjam alguma nota
Na minha rua
Por isso a minha rua está cheia
Por isso choro de noite
Na minha rua
Quando me lembro de mim.

ICAR — Pobres desgraçadas! Dá pena! Devia se regularmentar isso!

A VERONICA — É a monogamia que as produz. No Estado Socialista eles pertencem ao Museu Historico.

ICAR — Mas a vida sem elas perde a poesia...

A VERONICA — A poesia da tuberculose e das ruelas atras das catedraes!

MADALENA — A poesia que eu explorava ao lado do Rabi como arma nacionalista!

A VERONICA — Acho inutil você querer dar um cheirinho politico ao seu caso com o Cristo.

MADELENA — Infelismente foi verdade. Quando esse homem apareceu sujo nas estradas me virou a cabeça. Acreditei nele. Fui perfumar-lhe os pés chagados. Era medico recem-vindo do Egito, Formara-se no curso de magia. Pensei com o Barão em ganhal-o para a nossa causa.

SÃO PEDRO — Que barão?

MADALENA — Bar-á-Bás.

A VERONICA — O protetor da tal Academia! O filantropo yanke!

MADALENA — Sim! O nosso complot nacional funcionava na Academia Secreta de pintura que tinha o espantoso nome de "O pecado pelo pecado". Que-

riamos encobrir num movimento de arte a nossa revolução contra Roma.

A VERONICA — Você pelo menos teve uma coragem. Era modelo nú!

MADALENA — Para tapear e seduzir. Trazia para a nosas causa os rudes homens do interior, curiosos da minha nudez.

ICAR — A senhora continua modelo?

MADALENA — Hoje sou patrona da arte ilegal. Entre os Judeus, quando só se permitia o cubismo e a arte sem assunto, eu posava toda núa. É verdade que os artistas pintavam tudo menos o meu corpo. Rafaéis, Murilos, Rubens.

ICAR — Comprehende-se.

MADALENA — Hoje sou cubista.

CENA III

Os mesmos, o Soldado Vermelho de John Reed

O SOLDADO VERMELHO — O que é que a senhora quer aqui?

MADALENA — Vim depôr na revisão do processo de Cristo.

A VERONICA — Vae bancar a Frinéa para ver se salva o amante secular.

MADALENA — Não. Sou nudista por higiene.

O SOLDADO VERMELHO — Aqui todos vestem como querem. O importante não é este negocio de roupa. É eliminar as duas classes. Atenção! Os acusados! Os juizes! A camarada Verdade! Vão entrar Jesus Cristo e sua senhora.

(Som de orgão lá fóra. Cántico de igreja).

VOZES DE EUNUCOS E VELHAS: —

Vestido de branco
Chegou afinal!
Trazendo na cinta
Pistola e punhal!

Pra dar na cabeça
Do pobre e do mau
Gentil Bernadete
Pegando no pau!

(Gritos. Urros histericos).

VOZES — Viva o Chanceler! Viva! Péo! Péo! Tira
o chapéu! Tira, Flavio! Lincha! Mata!

A VOZ DE UM ENGENHEIRO — Evidentemente,
coagido pela força bruta, vencido pelo numero, vejo-
me forçado a continuar o meu caminho sem chapéu.
Mas esse puto me paga!

(Som de castanholas. Tumulto).

VOZES — Viva la gracia! Otro toro! Micago en Dios!
Viva o senhor do sabado! Tira o chapéu, Flavio!
Péo! Péo! Fora! Não tira! Deus da burguezia!
Fora! Põe o chapéu! Desacata esse veado! Fora!
Fora!

CENA IV

Os mesmos, Mme. Jesus, Cristo, povo, os personagens da platéa

Mme. JESUS — (*empurrando Cristo que vem armado com as armas de todas as edades. Camisa evangélico-facista e mochila. Capacete de espinhos. Túnica alvissima. Guarda chuva preto.*) — Anda hombre! Yo te quiero mostrar como tiengo cohones delante de las guardias rojas!

CENA V

Os mesmos, o Tigre do Mar Negro, a Camarada Verdade

O TIGRE — (*tomando logar na mesa ao lado da Camarada Verdade que se conserva de pé. A Veronica coloca-se do lado oposto. Madalena toma posição de modelo, no primeiro plano, atrás de Cristo.*) — Não temos tempo a perder... Vamos!

O SOLDADO VERMELHO — Silencio!

O TIGRE — A construção socialista exige todas as atenções. Mas como este tipo popular ainda preocupa as massas em atraço, vamos liquidal-o. Faça os interrogatorios.

O SOLDADO VERMELHO — A senhora primeiro.
Seu nome?

Mme. JESUS — Teressa!

O SOLDADO VERMELHO — De que?

Mme. JESUS — De Jesus, todavia!

O SOLDADO VERMELHO — Teresa ou Teresinha?
Mme. JESUS — Teresinha es mi hija con el Espírito-Santo.

O SOLDADO VERMELHO — Deixa de magica! Sua profissão?

Mme. JESUS — Capanga de mi esposso!

(Chegando-se para a platéa e a ela se dirigindo).

Para defenderlo contra los comunistas. Se hai alguno en la sala que se presente! Hombre!

O SOLDADO VERMELHO — Atenção, Madame. Isto aqui não é campeonato de box!

UM ESPETADOR (da platéa) — Viva usted e viva su amante!

Mme. JESUS — Viva la gracia... de Dios! Se yo non bancasse su interventor, já lo habriam destrozado pobrecito! Mire usted Veronica. Su corona de espinos se transformó em capacete de aço! Haga um grupo!

O TIGRE (a Cristo) — O señor é Deus?

CRISTO — Dizem...

O TIGRE — O señor é acusado de ser um elemento insuflador em todas as guerras. Em todos os hinos e besteiros nacionaes, o señor aparece. Os alemães quando querem matar gente dizem *GOT MIT UNS!* Os franceses dizem *DIEU GARDE LA FRANCE!* Os ingleses *GOD SAVE THE KING!*

Mme. JESUS — Peró la guerra nos molestó tambien. Como nós? Los aeroplanos e los canones destruiram dos casitas-bengalós que teniamos!

O SOLDADO VERMELHO — Proprietarios, hein?

Mme. JESUS — Por cierto! El fué el primer ministro socialista que hubo en el mundo!

O TIGRE — O senhor não nega ser agente da II.^a
Internacional.

CRISTO — Pedro! Pedro, vem em meu auxilio!

O SOLDADO VERMELHO (*a São Pedro*) — O se-
nhor conhece esse homem?

SÃO PEDRO — Não!

(*Um galo canta lá fóra*).

CRISTO — Havias de me negar outra vez! Safado.

(*Diversos galos cantam*).

SÃO PEDRO — Faça o obsequio de mandar esses galos
ficarem quietos.

O SOLDADO VERMELHO — Impossivel. Tem um
galinheiro ai atraç!

SÃO PEDRO — Pois então eu quebro a minha mudez
milenaria! Eu falo. Quando neguei este homem,
fil-o concientemente! Ele é que era um traidor!

CRISTO — No entanto, trabalhamos juntos na Inter-
nacional das Catacumbas!

SÃO PEDRO — De facto. Mas foi você quem entre-
gou esse movimento á reação no seculo III...

CRISTO — Eu!

SÃO PEDRO — Quem foi Constantino? Era você
proclamado imperador! E que fez Constantino?
Inventou o celebre derivativo dos facismos historicos
— Façamos a revolução antes que o povo a faça!

CRISTO — Fui eu que criei com João Batista a grande
senha do Reino do Céos!

SÃO PEDRO — No nosso comité apostolico o Reino
dos Céos tinha de fato uma significação revolucio-
naria. Concreta e terrena. Era o poder que que-
riamos tomar com as massas oprimidas. Quando

Roma perdeu a Dacia e foi batida em Teuteburg,
a mão de obra em carencia ameaçou o latifundio.
Mas a revolução agraria se processou em torno da
pequena propriedade. As massas encaminhadas para
a servidão viram o latifundio se reconstituir com o
feudalismo. E ficaram esperando até hoje pelo Reino
dos Céos!

CRISTO — Estás inbuido de materialismo historico,
Pedro! Nem parece que vieste das celestes para-
gens de meu pae!

SÃO PEDRO — Sim. Vim do céo! Dúm paiz de bor-
boletas, abelhas, colibris! Um paiz sem saúvas.
Para creanças ricas. O céo, meus senhores, é uma
tapeação de classe. Eu sou um rude homem terre-
no. Fui pescador, fui barqueiro...

VOZES — Abaixo a demagogia!

O SOLDADO VERMELHO — Barqueiro você vae ser
agora. Barqueiro do Volga!

CRISTO — Pedro, eu te tirei do carcere em Jerusalém,
no dia em que Tiago foi morto á espada.

SÃO PEDRO — Tirou o que!

CRISTO — Um anjo te libertou!

SÃO PEDRO — Tapeação! Anjo nenhum! Foi o ca-
pitalista Arimatéa que mandou embebedar os guardas
e abriu o xadrez. Viviamos de magia. Teretetê,
anjo!

CRISTO — Eu sempre falei por parabolas!

O TIGRE — Porque?

CRISTO — Para não ir preso.

O SOLDADO VERMELHO — Qual! Na Judéa
você sempre foi protegido pela gente grossa!

CRISTO — Não nego. Enverguei diversas vezes a
minha tunica de soirée. Era convidado.

SÃO PEDRO — E deixava os apostolos lá fóra!

O TIGRE — A comissão de textos evangelicos, examinando o seu caso, chegou ás seguintes conclusões: as suas parabolas foram todas reacionarias. A consagração da injustiça e do arbitrio. Do salario iniqio. A incitação á usura e aos juros altos. Por exemplo: o servo que ganhou cem por cento, premiado... Lições contra o divorcio e a favor do adulterio. O plano quinquenal da sabujice e da mentira. O senhor foi um espermatozoide feroz da burguezia e mais nada. Ela tinha razões de sobra para endeusal-o. As suas declarações foram aliás positivas. Não veiu revogar a lei, mas cumpril-a. O Sermão da Montanha era uma provação clara. Preparava o Imperialismo Romano. Não pode negar as suas ligações secretas com Pilatos. O provocador Judas e o famoso centurião convertido eram as pontes. Estavam todos interessados no monopólio do azeite.

CRISTO — Eu queria o bem!

O TIGRE — E por isso resuscitava herdeiras ricas!

UM ROMANCISTA INGLEZ (*Falando da platéa*) —
E doentes. A resurreição anti-cientifica. O contrario da eutanasia!

CENA V

Os mesmos, Fu=man=chú

(*O chinez brota do sólo num espaço da platéa*).

FU-MAN-CHÚ — Eu sou a graciosa Morte! Sou Fu-Man-Chú! A luta individual contra o Imperialismo

Inglez. O Terror de Scotland Yard. Sou o ultimo mosqueteiro. Mas não faço como os outros, a epopeia do servilismo! Sujeitos que viviam pulando muros para facilitar as trepadas da Rainha com Lord Buckingam! Eu era Taoista! Queria regenerar o mundo sem estrepito de vozes, sem depressão e sem efusão de sangue! Mas o Imperialismo me transformou numa fera cautelosa. Sou a luta contra a melhor polícia do ocidente. Sou Fu-Man-Chú!

CENA VI

Os mesmos, Dartagnan

(O mosqueteiro ataca o oriental de florete e fal-o correr para o palco, por onde o segue).

DARTAGNAN — Em guarda, chinez duma figa! Monstro da demagogia e maus costumes! Em guarda!

FU-MAN-CHÚ — Quem é esse furação de florete?

DARTAGNAN — Sou Dartagnan! A capacidade de servir!

FU-MAN-CHÚ — Lacaio! Produto da domesticação das massas!

DARTAGNAN — Vilão! Infiel! Amarelo!

FU-MAN-CHÚ — Mosqueteiro páu d'água e corrupto...

DARTAGNAN — Mas leal e vistoso!

FU-MAN-CHÚ — Inconciente! Lacaio! Defendes os gemidos de amor das putanheiras do ocidente!

DARTAGNAN — Dou o meu sangue por uma sociedade de Buckingans e cornudos! Sou oje um feno-

meno de massa! Hitler! Mussolini! Gustavo Gara-
rapa!

FU-MAN-CHÚ — Então sou teu parente! Sou Chan-
Kai-Chek!

DARTAGNAN (*avançando para espetal-o*) — Nada!
És de outra raça! Escravo! Em guarda! Defende-te!

(*Sae pelo fundo atras de Fu-Man-Chú*).

O SOLDADO VERMELHO — Para fóra, canalha do
passado! Para o Museu Historico! Se vocês con-
tinuam, eu mando jogar gaz lacrimogenio!

A VOZ DE FU-MAN-CHÚ — Te ipnotiso, Lacaio!
Te enveneno!

A VOZ DE DARTAGNAN — Te esgano! Te furo,
saco de merda!

O ROMANCISTA INGLEZ — Oh! Eles acabam se
reconciliando lá dentro!

CENA VII

Os mesmos, menos Dartagnan e Fu-man-chú

O SOLDADO VERMELHO — Quem é o senhor para
estar dando palpites assim?

O ROMANCISTA INGLEZ — Sou um romancista
inglez!

O SOLDADO VERMELHO — Então pôde!

O ROMANCISTA INGLEZ — Eu queria elucidar pe-
rante este tribunal as origens humanas do Rabí Esse
homem introduziu o sobrenatural na procriação! Mas
eu descobri o negócio todo!

CRISTO — Sou filho de rei! Filho de David!

O ROMANCISTA INGLEZ — Filho de rei. Filho de Herodes e Salomé! A virgem Maria era Salomé regenerada. Deixou o palco para se casar com o marcineiro José e evitar os continuados escandalos da corte!

VOZES — Cristo era filho de rei! Filho natural de Herodes!

O ROMANCISTA INGLEZ — Perfeitamente! Por isso é que os pastores e os magos vieram adorá-lo. Se ele fosse filho de outro, Herodes não mandaria proceder á matança dos inocentes, para exterminal-o.

O SOLDADO VERMELHO — Temia uma revolução que puzesse o herdeiro ilegitimo no trono. E' isso mesmo.

UM PEQUENO BURGEZ (*da Platéa*) — Senhor! Perdôa os que te insultam! Eu sou um pequeno burguez sincero. Deante do teu renovado martirio, me converto. E sigo o duro caminho do teu novo Calvario!

Mme. JESUS — Que c'est gentil!

SÃO PEDRO (*a Cristo*) — Messias, terás sempre idiotas a teu serviço! Eu também fui assim! Mas aprendi á minha propria custa. Quando presidi o grupo de auto-defesa no comicio de Getsemani e cortei a orelha do tira que te prendeu, tu a repuzeste no logar! Traidor!

CRISTO — Eu sempre fui pela coloboração de classes!

SÃO PEDRO — Não é bem isso. A tua politica colobacionista era uma farça. Estava tudo mais que combinado e ensaiado por Judas com o lugar tenente de Roma, Poncio Pilatos. Ele fez tudo para te por na rua e sacrificar o chefe nacionalista Bar-a-Bás. Mas o povo não foi na onda!

CRISTO — Pedro, estavas comigo na Ceia!

SÃO PEDRO — Na ceia, Judas foi admirável quando, de combinação comigo, se inculcou como o teu futuro denunciante. Foi de um enorme efeito deante dos apostolos! Os apostolos representavam a massa que queria a revolução. Tu despistaste, porque estavas a serviço de Pilatos, que depois não te pôde dar mais a liberdade. Supondo fracassado o plano de entregar o paiz á Roma, Judas suicidou-se. Foi mais digno do que tu, como disse o nobre poeta portugues Guerra Junqueiro!

O ROMANCISTA INGLEZ — Cristo não morreu na cruz. Foi salvo de fato pelo seu poderoso amigo Poncio Pilatos. Este permitiu, contra toda a ética processual, que o *businessman* Arimatéa o retirasse da cruz sem a prova das pernas quebradas. Ele não estava morto!

SÃO PEDRO — Puta merda! É verdade!

O ROMANCISTA INGLEZ — Os dois ladrões tiveram as pernas quebradas...

CRISTO — Mas o centurião varou o meu lado com a lança! Eu estava morto. Resuscitei, depois.

O ROMANCISTA INGLEZ — Isso é boato de padre! O centurião era camarada. Fez um arranhão no lugar da terceira costela! Sem isso, o senhor não apareceria dias depois comendo peixe frito no lago de Genesaré!

SÃO PEDRO — É isso mesmo. O romano tinha embebido na esponja um saporífero para te aliviar as dores. Um complot!

O ROMANCISTA INGLEZ — Era natural que o Messias não fosse encontrado pelas mulheres no sepulcro...

SÃO PEDRO — Estava no médico!

O TIGRE — Queremos que elucidie este texto de Mateus 5 — versículo 25 — “Harmoniza-te depressa com o adversário para que ele não te recolha á prisão”.
CRISTO — Ensinei: — Quando alguém te esbofeteiar numa face, oferece a outra!

SÃO PEDRO — Em linguagem política isso quer dizer:
— Se o Romano te tomar a Judéa, entrega-lhe a a Galiléa!

O TIGRE — Está provado que Cristo preparava o advento do Imperialismo Romano de conquista, em Israel convulsionada pelos disturbios nacionaes posteriores a Quirinius. Pois o contribuinte entre a Igreja e o Imperio. ¡Entre César e Deus! Foi um agente dissimulado de Roma!

VOZES LÁ FÓRA — Viva o P. R. P.! Vivó! Viva a Comissão Diretora! Vivóóó!

O SOLDADO VERMELHO — Que barulho é esse?

CENA VIII

Os mesmos, Barabás

BARABÁS (*entrando alinhadíssimo, de casaca. É o tipo do capitalista internacional*). — Peço a palavra!

O SOLDADO VERMELHO — Quem é esse figurão?

BARABÁS — Sou o Barão Bar-A-Bás de Rothschild. Represento as aspirações sionista de meu povo!

Mme. JESUS — Es la banca internacional!

SÃO PEDRO — É o chefe nacionalista que o povo preferiu a Jesus! Viva a minha terra! Viva a Palestina! Viva o município de Betsaida!

O SOLDADO VERMELHO — Fecha o escapamento, perrepista!

BARABÁS — Esse entusiasmo do meu povo por quem soube através da dispersão e da luta, manter alto o espirito semita, é justo. Nunca estive envolvido no caso do azeite!

SÃO PEDRO — O azeite das virgens!

BARABÁS — Não. O da Standard Salad!

Mme. JESUS — Tilburón! Te doy con la guadachu-
via en la cara!

O SOLDADO VERMELHO — Calma, jararaca!

Mme. JESUS — Nosotros somos pequeños burgueses.
Él hace emprestimos! Tilburón!

BARABÁS — Nunca servi sinão o meu próprio impe-
rialismo!

CRISTO — Clemencia! Paz na terra aos homens de
boa vontade!

O TIGRE — Só há um remedio para vocês idealistas
da usura e guias da reação. Vão se matar na Pa-
lestina, organizando minorias nacionais. A massa e
os soviés saberão recebê-los!

CRISTO — De novo, o Calvario!

UM POETA CATÓLICO (*declamando da platéa*): —
“Motorneiro do meu bonde errado. Conduze-me até
o fim da linha!”

BARABÁS — De novo as grades! (*para Madalena*)
Vamos Mag!

O SOLDADO VERMELHO — No Golgota ficaram
as cruzes dos dois ladrões. Servem sob medida para
vocês.

Mme. JESUS — Falta la cruz principal. La de my
esposso!

O TIGRE — O Papa a vendeu aos pedacinhos. Não
temos culpa disso.

SÃO PEDRO — Eu peço para que ambos desta vez
sejam crucificados como eu fui, de cabeça para baixo!

CRISTO — Pedro, quem diria? Tu, pedra da minha Igreja!

O TIGRE — A humanidade viveu vinte seculos desse trocadilho. Chega!

Mme. JESUS — Peró, es una violencia. La verdad está con nosotros!

VOZES — Que se abra a boca da verdade. Que se manifeste a verdade!

O SOLDADO VERMELHO — A verdade!

BARABÁS — A que Cristo calou no interrogatorio de Pilatos!

VOZES — Queremos saber o que é a verdade! A verdade!

O TIGRE — Que fale a Camarada Verdade!

A CAMARADA VERDADE — Eu sou a Verdade! Sou a defeza da especie. Da humanidade pobre que habita um planeta milionario. Fui a geografia de Ptolomeu e a geometria de Euclides. No meu caminho tortuoso, em sombrado e dialetico, fui sempre a certeza dos que trabalham. Fui a voz dos profetas biblicos que mandaram arrazar a Babylonia capitalista. Morei nas Catacumbas. Fui o platonismo e a patristica, enquanto se conservaram fieis ás reinvindicações sociaes de seu tempo. Compareci ao tribunal de Galiléo. Humanista no seculo 16, eu vinha das batalhas populares da Edade-Media, onde fui a força rude dos camponezes e a consciencia de Albi. Estive na caravela de Vasco da Gama. Acompanhei a travessia de Colombo.

VOZES — E' a hipotese progressista!

A CAMARADA VERDADE (*continuando*) — Subi á fogueira de Bruno e á de Servet. Morei com os alquimistas. Fui companheira de Cromwell e assisti á agonia de Marat. Preparei o advento da Ma-

quina. Flama do socialismo utopico, fui a base do socialismo científico. Morei na cabeça genial de Hegel e na de Fuerbach. Hoje sou a fisica de Einstein e a ciencia social de CARLOS MARX!

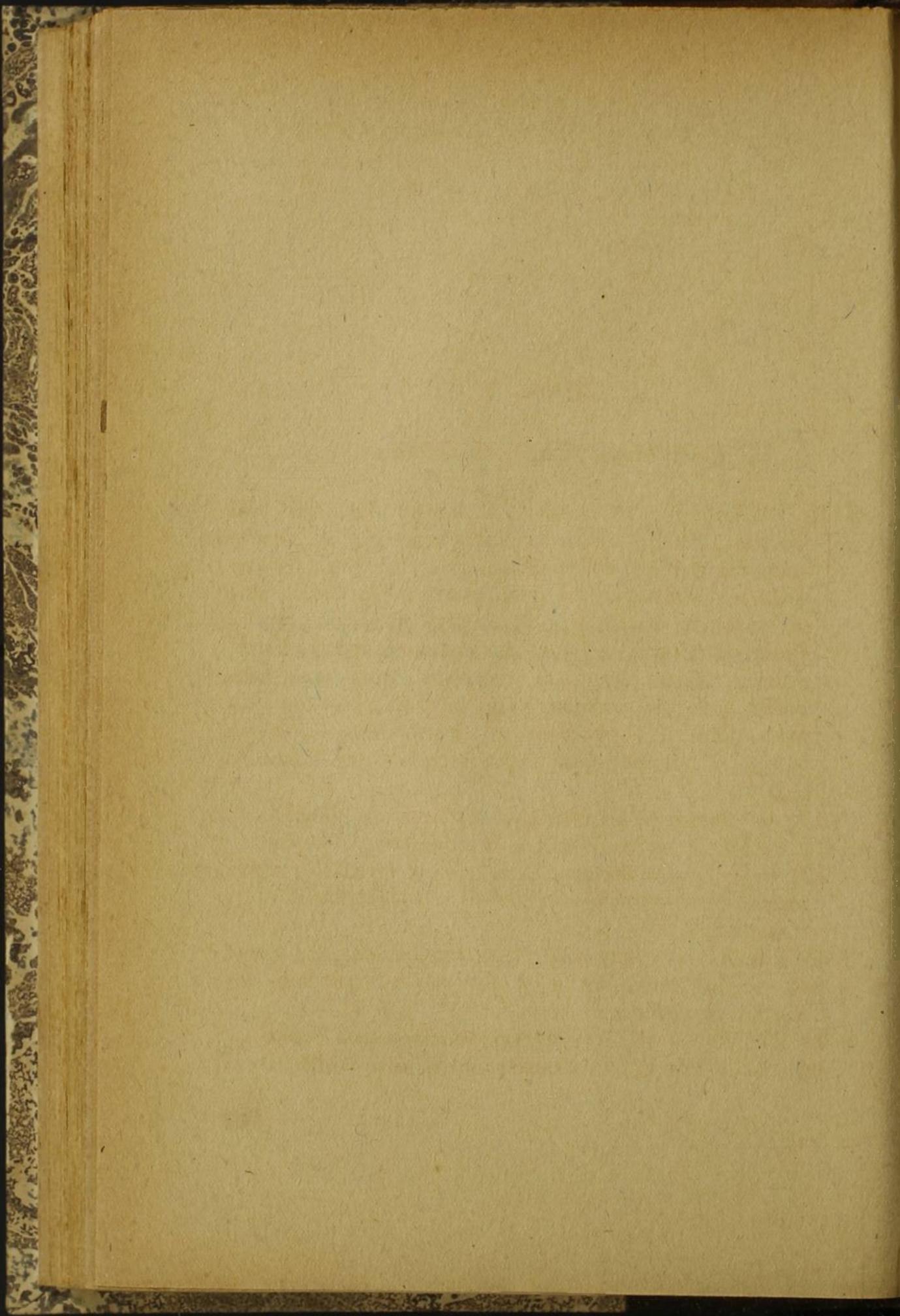
PANO



9.^º Quadro

O Estratoponto

A cena representa uma sala de espera da Gare Interplanetaria na Terra Socialista — Passageiros chegam e saem — Num banco Icar, Pedro e Mme. Icar.



CENA I

Icar, Mme. Icar e São Pedro

SÃO PEDRO — É inutil. Os bolchevistas não são trouxas. Vocês viram a demagogia que eu desenvolvi na revisão do processo. Estava certo de que acabava comissário do povo para a Marinha. Vocês viram o resultado. Não me mandaram para a Judéa nem para o Volga, atendendo á minha decrepitude. Nisso eles são corretos. Mas sou com vocês dois um viandante perdido nas estradas do novo planeta. (*apontando o cachorrinho Swendemborg*). Para nos guiar, restituíram-me este traste do céo.

ICAR — Somos o proletariado de lama de MARX...

SÃO PEDRO — No Planeta Vermelho!

ICAR — A burguezia está liquidada na terra. O radio anunciou o suicídio de Hitler e o empalamento de Chan-Kai-Chek...

SÃO PEDRO — Mussolini fugiu para a lua com o rei!

ICAR — Não creio. Não vê que ele ia ficar num subúrbio da terra...

SÃO PEDRO — Talvez esteja escondido em Marte...

ICAR — O Partido Comunista de lá já é forte... E

ha muito anti-facista! Qualquer dia liquidam ele!

SÃO PEDRO — Se ele chegou a Marte está salvo. Lá
não admitem campanha anti-guerreira...

ICAR — É o tipo do planeta reacionario!

Mme. ICAR — Melhor é nos cavarmos um passe para
onde ainda esista cortezia e gente que tomou chá
em creança. Quem sabe se nas vizinhanças de
Marte eu encontro a ossada de meu finado esposo...

SÃO PEDRO — Pendurada numa nuvem!

Mme. ICAR — Na Via Látea!

ICAR — Continuas não me reconhecendo, Mariquinhas!

Mme. ICAR — Depois da analise do femur, fiquei mais
confusa ainda.

SÃO PEDRO — Entregaram o resultado?

Mme. ICAR (*batendo no femur que traz argolado ao*
pescoço). — Descobriram que esta reliquia é de um
fossil...

ICAR — Então, meu não é!

Mme. ICAR — De um fossil biblico...

ICAR — É você Simão Pedro!

Mme. ICAR — Ou de um fossil medievo!

SÃO PEDRO — É você, professor!

Mme. ICAR — Continuo perplexa e bigama!

CENA II

Os mesmos, a Baroneza de Monte de Venus

SÃO PEDRO (*á turista*) — Uma esmola! Pelo amor
do Deus das esferas... (*tira uns sons de sanfona*).
A BARONEZA (*aproxima-se comovida*) — Pobres!
São muito infelizes, sim?

OS TRES — Muito infelizes.

A BARONEZA — Tiveram um lar, creados, rendimentos, salas de banho?

SÃO PEDRO — Tive uma fazenda, senhora!

Mme. ICAR — Agora é o proletariado que se lava.
Nós andamos sujos.

SÃO PEDRO — Não tomo banho ha 20 séculos!
Desde que fui batizado no Jordão!

ICAR — Estamos cheirando mal.

A BARONEZA — A revolução deixou-nos assim!

SÃO PEDRO — Prontos!

ICAR — Lisos!

Mme. ICAR — Sem této!

A BARONEZA — Barbaridade!

ICAR — Se quizer, podemos lhe contar a nossa terrível historia ao som da sanfona.

A BARONEZA — Não convem. Sabem? A Guepéu enxerga. Mas eu sei de tudo o que se passa...
Já li o Paraizo Terrestre. Depois, a Imprensa de Marte está informada...

Mme. ICAR — A fidalga é de Marte?

A BARONEZA — Não sou. Sou a baroneza do Monte de Venus. Mas morei muito tempo em Marte. Depois na Lua. Sou até lunatica naturalizada. Para estar mais á vontade aqui. Felismente, conservo-me fiel aos principios Marcianos. Fui educada no Convento das Irmas Venereas! Vou deixal-os. Podem desconfiar. (*joga-lhes uma moeda*) Deus os proteja e salve a Santa Mãe Terra!

A VOZ DO EMPREGADO DA GARE — Vae partir!
Marte, o Sol! Não pára na Lua! Recebe passageiros em correspondencia para Jupiter, Venus, Urano!

CENA III

Os mesmos menos a Baroneza

ICAR — Os meus balões!

SÃO PEDRO — Bonito! Nos deu um dolar de Marte!

Agora é que são elas. Como é que vamos trocar esse dinheiro? Precisamos arranjar o visto da Fiscalização Bancaria!

ICAR — Não vê que eles nos dão!

Mme. ICAR — Ha uns vendedores de cambio por ai...

SÃO PEDRO (*com o dedo nos labios*) — Psiu! Cambio negro.

ICAR — Eu conheço um. Tomei batida com ele outro dia.

Mme. ICAR — Porque é que chamam de cambio negro?

ICAR — Foi um preto que inventou...

SÃO PEDRO — Olha! Lá vem um dos taes...

Mme. ICAR — Vamos chamal-o.

CENA IV

Os mesmos, o Vendedor de Cambio Negro

ICAR (*chamando*) — Faz favor, cavalheiro!

O VENDEDOR — Chamou?

ICAR — Pode nos dispensar um minuto de atenção?

O VENDEDOR — Às suas ordens...

ICAR — Esse meu amigo recebeu uma herança...

O VENDEDOR — Herança?

ICAR — Sim, uma herança telegrafica. De Marte...

O VENDEDOR — Cheque?

ICAR — Não. Dolar!

O VENDEDOR — Já sei. Querem trocar. Não. Não faço desses negócios. Impossível. Não me dão cobertura.

ICAR — Mas tenha paciencia. Escute. Não somos delatores.

O VENDEDOR — Impossível. Fuzilam-me se descobrirem. Eu não vou me arriscar a isso... É na certa. Pro muro!

SÃO PEDRO — Damos 15 % !

O VENDEDOR — Inutil.

ICAR — Vinte e cinco!

O VENDEDOR — O senhor sabe que para nós que não nos conformamos com o novo regimen, os tempos estão duros. Não fazemos parte das cooperativas e temos que pagar caro o nosso protesto.

ICAR — Somos do mesmo setor social. Comprehendemos que precisa ganhar. Sentimos muito não lhe poder dar maior lucro.

O VENDEDOR — Onde está a moeda? Vou ver se posso fazer alguma coisa.

ICAR (*mostrando-a*) — É um dolar de Marte...

O VENDEDOR — Dou dois mil réis...

ICAR — Mas vale vinte!

O VENDEDOR — Então, troque noutro logar...

ICAR — Mas isso é absurdo. O seu lucro é fantástico! Não pode ser.

O VENDEDOR — Meu caro senhor somos os últimos burguezes da terra. Entre nós tem que ser assim. A liberdade de comercio e de lucro! Eu arrisco o meu capital...

(*Ouve-se lá fóra uma descarga*).

CENA V

Os mesmos, o agente da Guepeou

O AGENTE — E a tua cabeça! Continuas a iludir, queres ainda negociar clandestinamente? Espião da propriedade privada! Ouviste a descarga. Foi o teu companheiro de balcão.

O VENDEDOR — Eu tenho familia! Eu tenho filhos. Pelo amor de Deus!

O AGENTE — Inutil. És um reincidente! Devias saber que o que não convem ao enxame não convem á abelha. Vem dai.

O VENDEDOR — Eu pago! Eu entrego todo o meu lucro! Eu tenho dinheiro.

O AGENTE — No nosso regimem, quem se vende tem a tua sorte! Olha! Os pés dos que te fuzilarão já estão naquela porta. Marcha!

CENA VI

Menos o vendedor e o agente

(*Pedro toca no acordeon uma marchinha militar*).

ICAR — Vejam a que estamos reduzidos!

Mme. ICAR — Eu já estou conformada. O que me preocupa é só uma coisa, uma coisa só...

ICAR — O que?

Mme. ICAR — Não ter visto a careta que ele fez quando morreu.

ICAR — Quem?

Mme. ICAR — Meu defunto!

(*Tumulto na plataforma. Sereias de alarme*).

CENA VII

Os mesmos, o Carregador

O CARREGADOR — Fugiu! E! Condessa! Padre Eterno! Vocês não viram passar por ai um burrinho?

SÃO PEDRO — Não.

O CARREGADOR — Mas por onde sumiu, esta bestia! Sacramento! Isto é algum complot! Contra a segurança do Estado! Burro capitalista!

ICAR — Que côr era?

SÃO PEDRO — Côr de burro quando foge!

O CARREGADOR — Estava endereçado á Cristian Science...

ICAR — Onde?

O CARREGADOR — Em Marte. Segurem ele se passar por aqui. Desgranhudo! Estava tão bem engravidado! Bestia!

CENA VIII

Menos o Carregador

SÃO PEDRO — Vocês sabem que burro é esse? O burro que ia ser deportado para Marte?

ICAR — Destinado á Cristian Science?

SÃO PEDRO — Perfeitamente. É o burrinho de Cristo.

Mme. ICAR — O que entrou com ele em Jerusalém?

SÃO PEDRO — Esse burro apareceu tres vezes: No nascimento da creança, fazendo de aquecedor. Depois na fuga para o Egito. Burro ensinado. Conhecedor de todos os caminhos da terra! Em Jerusalém, era ele que conduzia o Messias...

ICAR — Porque será que ele fugiu agora?

SÃO PEDRO — Porque não é burro, é cavalo!

ICAR — Não entendo.

SÃO PEDRO — Você se lembra de quando o poeta-soldado levantou a multidão para a guerra por ocasião do nosso desembarque?

ICAR — Se me lembro!

SÃO PEDRO — Quando todos os cavalos da Historia e da Fabula acorreram ao chamado do seu alalá!

ICAR — Todos! Eu vi!

SÃO PEDRO — Nessa grande festa dos cavalos reacionários faltava um — o principal...

ICAR — Qual era?

SÃO PEDRO — O cavalo de Átila.

ICAR — De fato.

SÃO PEDRO — É o burro de Cristo. O que fugiu agora. O mesmo.

ICAR — E que ele pretende?

SÃO PEDRO — Dissimulado no mais pacífico dos animaes, secar os corações por onde passa. Promover na terra socialista, a reação e a desordem.

ICAR — Estás ficando bolchevista, Pedro!

SÃO PEDRO — Não. É o contagio da verdade. Sou um inutilizado para os esforços da socialização, mas conheço a historia do mundo! Fui Moisés no Egito, Pedro em Roma... Fui a lei antiga!

(Silencio).

Hoje sou Moisés e Pedro no seculo de Lenine!

ICAR — A nossa desgraça devia te impedir qualquer simpatia para com os nossos inimigos...

Mme. ICAR — Eles se apropriam de tudo que era nosso! Até dos filhos.

SÃO PEDRO — Para salval-os talvez. Eles são a lei nova. Cumpriram o Apocalipse. Fizeram o juizo final na terra!

ICAR — Você é um caso perdido. Continua Judeu e profeta.

Mme. ICAR — Defende os homens maus.

ICAR — Roubaram a minha invenção. Fui o primeiro homem que passou o oceano atmosferico. Sou Icar. O inventor da estratosfera! A primeira ave que pouso viva no céo!

CENA IX

Mais o empregado da gare

O EMPREGADO DO GARE — Que discurso é esse aí, garnizé?

ICAR — Fui eu o inventor dos Icaros interplanetarios. Sem mim os homens atuaes não teriam esta gare central que liga os astros pela navegação. Nem você teria o seu emprego.

O EMPREGADO DA GARE — De que te queixas? De teres produzido um beneficio para a humanidade? Restituiste apenas o que ela te deu. Velho idealista, acreditas ainda que as invenções são obras de um só homem. Não vês como delas a humanidade se aproopia serenamente. Quem inventou o fogo?

ICAR — Foi Prometeu!

O EMPREGADO DO GARE — Vives nos mitos. Não sabes que o inventor é apenas quem acrescenta a

ultima pedra ao edificio experimentando antes, por inumeros trabalhadores, anonimos e sacrificados?

ICAR — Não quero saber! Fui eu o primeiro!

O EMPREGADO DA GARE — O Icaro 3007 vae chegar. Vem nele uma caravana de turistas de Marte para visitar a terra socialista, o Planeta Vermelho como dizem eles. Vaes ver que fauna magnifica nos arranjou a tua invenção.

CENA X

Menos o empregado da gare

(*Tumulto de chegada do navio aereo*).

SÃO PEDRO — São eles.

ICAR — Os marcianos.

Mme. ICAR — Talvez eles troquem a nossa moeda!

SÃO PEDRO — Você só pensa em dinheiro, mulher!

Mme. ICAR — Não vivo de brisas...

CENA XI

Os mesmos, os marcianos

(*É um pelotão de boy scouts edosos. Bigodeiras. Cuecas de couro. Cabos de vassoura. Aparelhamento completo de campanha. São guiados por um apito que o chefe faz soar incessantemente. Não deixam nem por um instante o passo de marcha*).

O CHEFE — Entra na fila!

Mme. ICAR — São escoteiros!

SÃO PEDRO — De bigode!

ICAR — Não tem mulheres.

SÃO PEDRO — Não trazem de medo que sejam socialisadas.

O CHEFE — Disciplina! O senhor está fóra da fila!
Precisamos dar exemplo!

ICAR — Mas eu li que ia chegar um balão só de mulheres!

Mme. ICAR — Estás louquinho para ve-las, cínico!

O CHEFE — Fila! Vamos! Mais uma vez peço que não concedam entrevistas! Um dois! Um dois!

(Sae apitando na frente. Os marcianos seguem-no procurando manter-se em boa ordem).

CENA XII

Os mesmos, menos os marcianos

SÃO PEDRO — São todos capitalistas...

Mme. ICAR — Vê-se que é gente distinta.

ICAR — Mijam como nós!

Mme. ICAR — A derrota transformou vocês! Só eu que me conservo fiel aos meus princípios! Homens fracos!

SÃO PEDRO — Somos o passado.

ICAR — A decadência!

Mme. ICAR — Toque alguma coisa, Pedro!

SÃO PEDRO — Tocarei os nossos funeraes. Os funeraes de um mundo.

(Executa na sanfona a marcha funebre de Siegfried).

ICAR (*levantando-se*) — Heroe de Wagner e Julio Verne, o meu ideal é um passe para Marte!

(Tumulto na plataforma).

A VOZ DO EMPREGADO — Icaro 3008! Vae partir! Marte, Jupiter, Saturno, o Sol! Larga!

ICAR — O meu balão. Ah! Só ha um tumulo digno de mim — a estratosfera! (*Atira-se pela porta e desaparece esperneando numa corda que pende do Icaro em ascensão*).

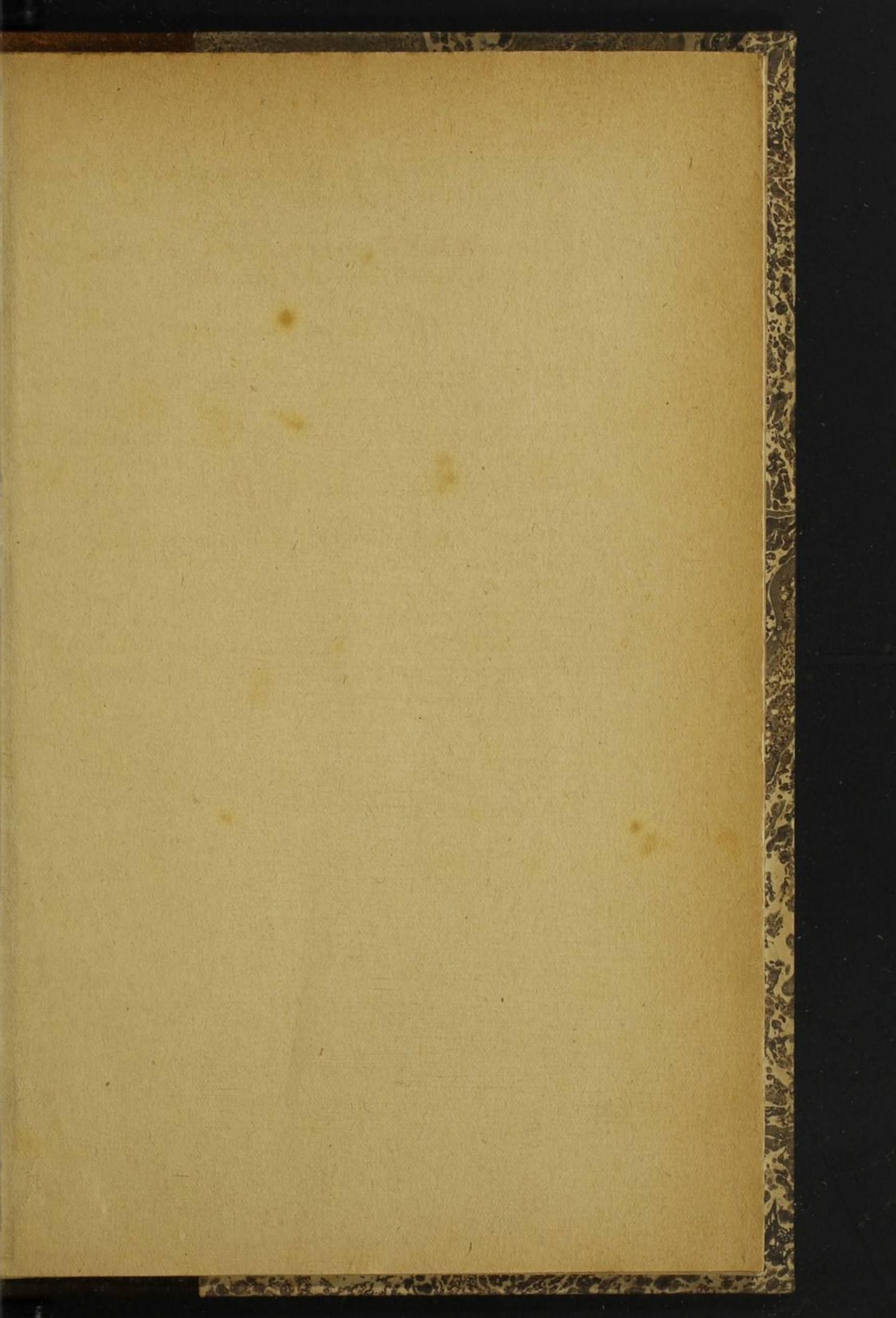
Mme. ICAR (*soluçando alto*) — Viuva de novo. Que irei fazer!

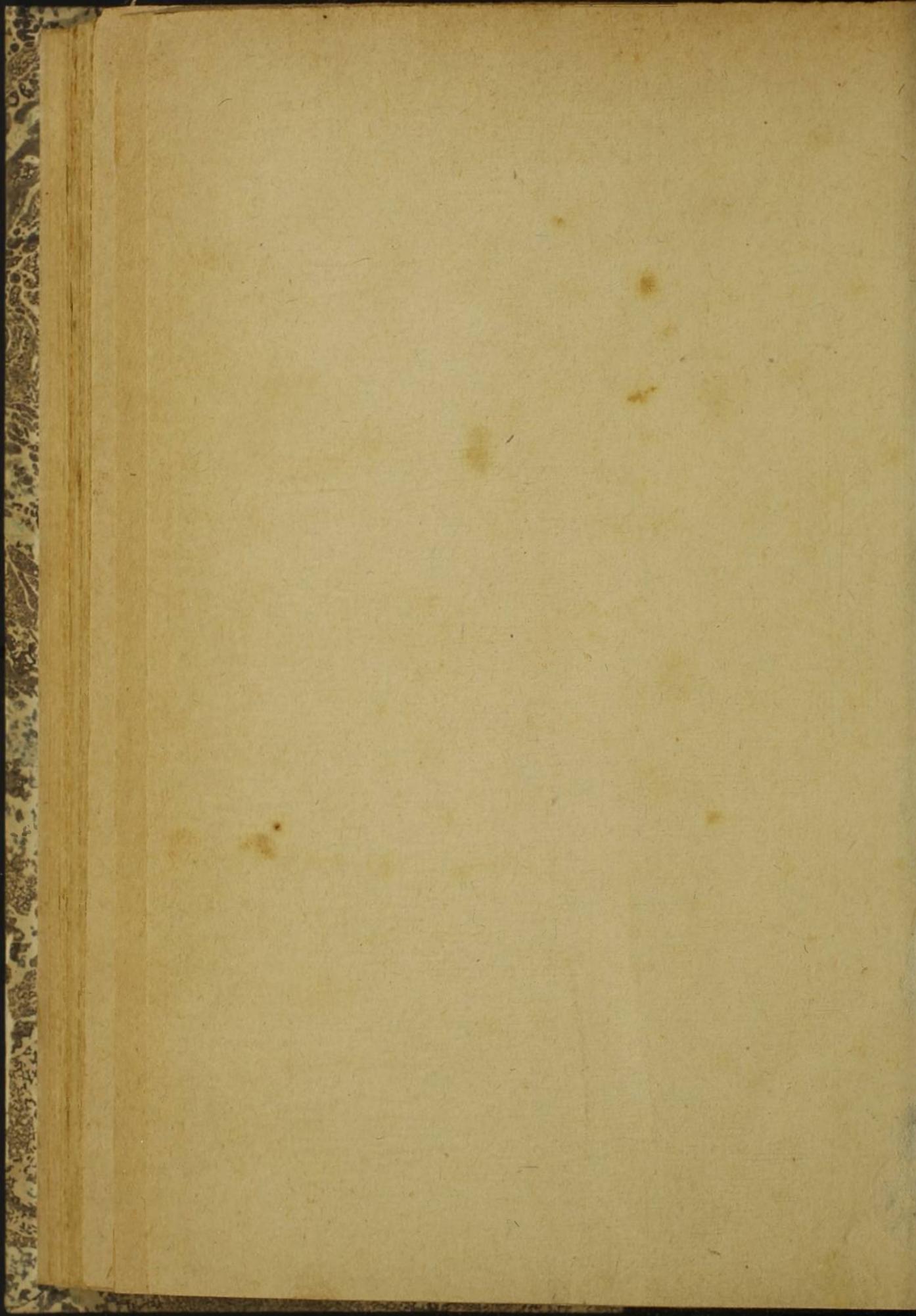
SÃO PEDRO — Abriremos uma venda. O pequeno comercio é permitido.

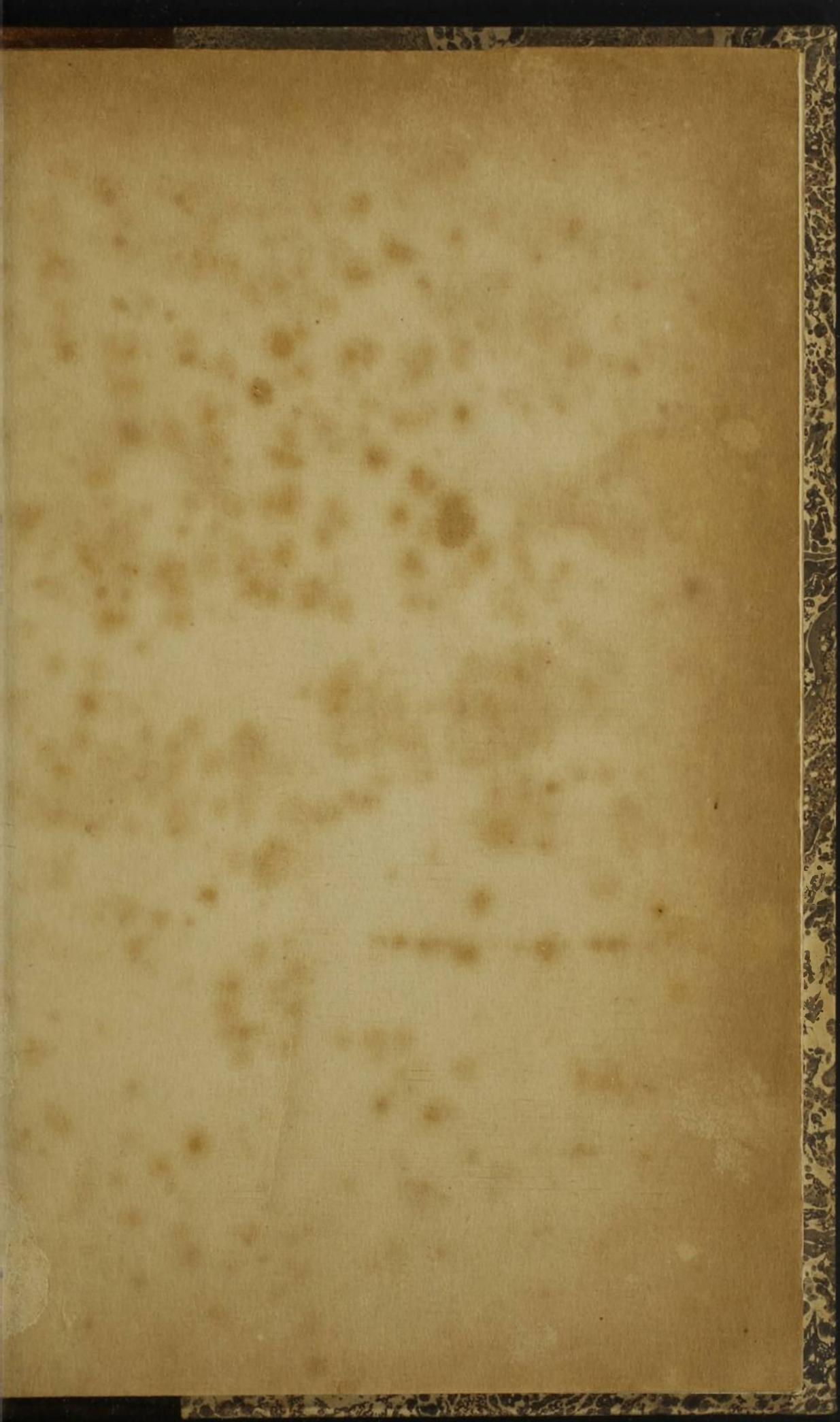
O CACHORRINHO — Au! Au! Au! Au! Au! Au!

SÃO PEDRO (*levantando-se e tomindo nas mãos o lulú*) — Swendemborg! Fomos julgados!

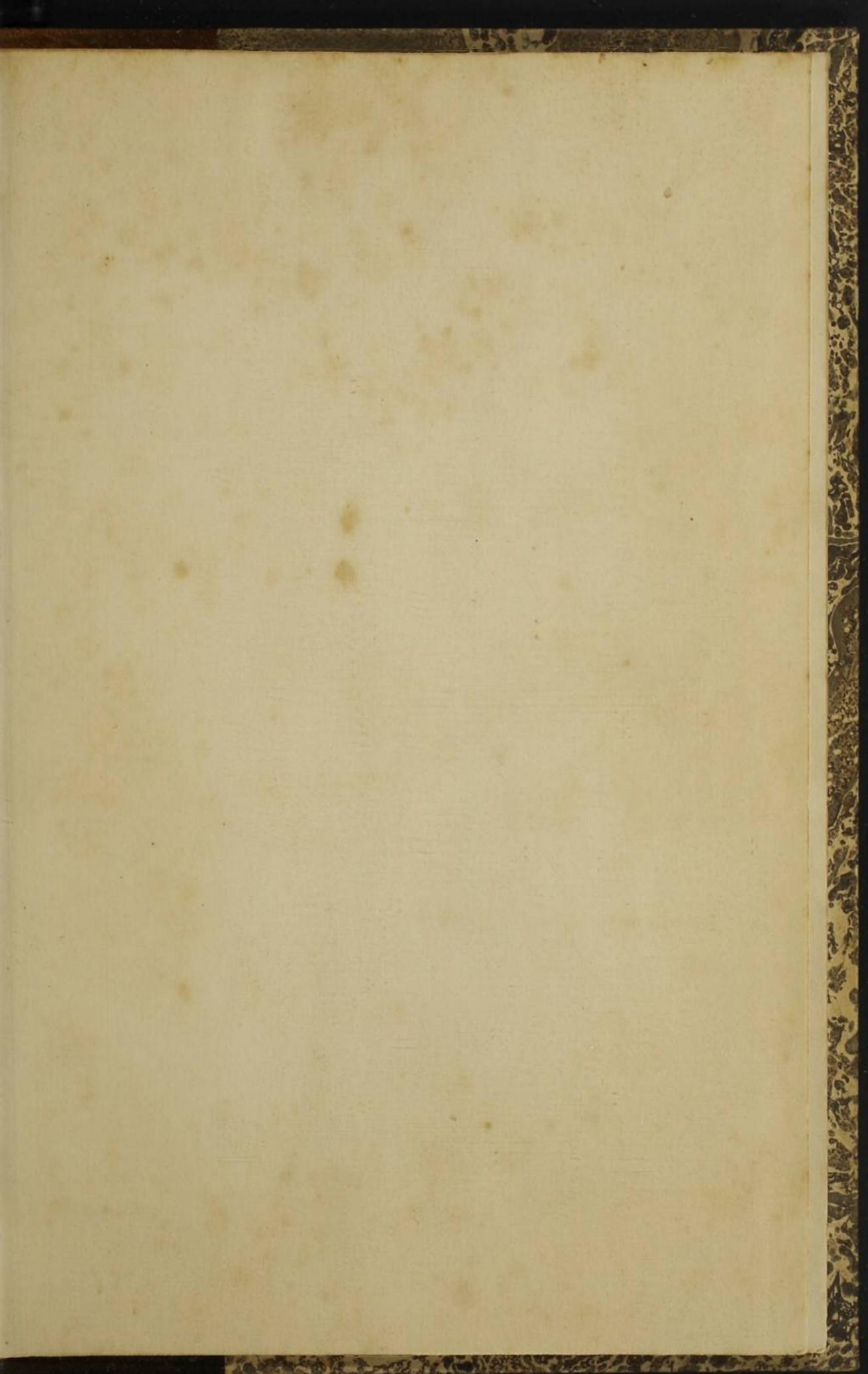
PANO







PREÇO
5\$000



000654

